

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

IRIS CRISTINA GOMES DO NASCIMENTO FERREIRA

**TRAJETÓRIAS DE FREIRAS BATISTINAS NA EDUCAÇÃO E NA SOCIEDADE
APARECIDENSE (MT)**

Paranaíba/ MS

2025

Íris Cristina Gomes do Nascimento Ferreira

**TRAJETÓRIAS DE FREIRAS BATISTINAS NA EDUCAÇÃO E NA SOCIEDADE
APARECIDENSE (MT)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: História, Sociedade e Educação

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Regina Zimmermann

Paranaíba/ MS

2025

F441t

Ferreira, Iris Cristina Gomes do Nascimento

Trajetórias de freiras batistas na educação e na sociedade aparecidense (MT)/ Iris Cristina Gomes do Nascimento Ferreira. – Paranaíba, MS: UEMS, 2025.

92 p.

Dissertação (Mestrado) – Mestrado – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Regina Zimmermann.

1. Mulheres Religiosas. 2. Irmãs Batistas. 3. Aparecida do Taboado (MS). I. Zimmermann, Tânia Regina. II. Título.

CDD 23. ed. - 377.82

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Susy dos Santos Pereira CRB1°1783

IRIS CRISTINA GOMES DO NASCIMENTO FERREIRA

**TRAJETÓRIAS DE FREIRAS BATISTINAS NA EDUCAÇÃO E NA SOCIEDADE
APARECIDENSE (MT)**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em: ____ / ____ / 2025

BANCA EXAMINADORA

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Tânia Regina Zimmermann (Orientadora)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Orientadora

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Sueli do Nascimento
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)
Membro Interno

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Membro Externo

DEDICATÓRIA

Dedico esta Dissertação às Irmãs Batistinas como uma homenagem em reconhecimento ao que me ajudaram a construir. Sempre solícitas, concederam-me as entrevistas com muita prestatividade, o que possibilitou conhecer um pouco mais sobre elas enquanto mulheres Batistinas, educadoras e formadoras de seres humanos ao longo de suas carreiras no Magistério, voluntariamente. Muita gratidão a essas mulheres que permaneceram, por anos, voltadas aos seus trabalhos nos campos educacional e eclesiástico na cidade de Aparecida do Taboado no estado de Mato Grosso do Sul.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, órgão que fomentou esta pesquisa, dando suporte para minha participação em eventos e aquisição de livros visando ao desenvolvimento da Dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, que se dedicam à Educação, preparando pesquisadores.

Dedico a todos que contribuíram para este estudo, direta e indiretamente, especialmente à minha família. Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação por me proporcionar condições de adquirir livros e participar de eventos durante o processo de estudo.

A Deus, por me trazer confiança por meio da fé, ajudando-me a organizar os pensamentos e a ter calma no processo de escrita desta Dissertação, dando-me forças para superar os obstáculos que surgiram no decorrer da pesquisa.

Aos meus filhos, Diego Henrique Ferreira, Joyce Renata Ferreira e André Thiago Ferreira, que sempre me apoiaram oferecendo coragem para eu não desistir.

Ao meu esposo e aos meus familiares de modo geral por compreenderem todas as vezes que deixei de estar com eles, nos momentos de ausência devido aos estudos.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), minha instituição do coração, desde os professores aos profissionais da Secretaria de Pós-Graduação que me permitiram seguir nos estudos, auxiliando-me com a concessão de bolsa de estudos, empréstimos de livros e tantas outras questões importantes para a realização do sonho de me tornar Mestre em Educação.

À Professora Doutora Tânia Regina Zimmermann por acreditar em mim, orientando em todos os momentos com muita paciência, o que me proporcionou ter um norte para o trabalho e a oportunidade de crescer como estudante de mestrado.

Aos colegas do curso por sempre contribuírem, afirmo-lhes que fui presenteada com a oportunidade de trocar experiências, as quais tornaram este processo de formação mais rico. Agradeço pelos momentos prazerosos de estudo em sala de aula.

Aos professores do Programa pelos ensinamentos que enriqueceram a minha formação, os quais contribuíram com aprendizados fundamentais e colaboraram para os encaminhamentos desta pesquisa.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente ao longo desta jornada acreditando comigo na Educação, meus sinceros agradecimentos!

FERREIRA, Iris Cristina Gomes do Nascimento. **TRAJETÓRIAS DE FREIRAS BATISTINAS NA EDUCAÇÃO E NA SOCIEDADE APARECIDENSE (MT)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Unidade Universitária de Paranaíba - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2025.

RESUMO

Esta dissertação está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia do Brasil (GEPHEB) e à linha de pesquisa História, Sociedade e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). O objeto de estudo deste trabalho foi a trajetória de freiras Batistinas, por meio de suas narrativas e experiências enquanto atuaram em Aparecida do Taboado (MS) desde quando o município ainda pertencia ao estado de Mato Grosso. Teve o objetivo geral de compreender as trajetórias das freiras Batistinas enquanto religiosas, professoras e cidadãs na perspectiva da história das mulheres. Os objetivos específicos foram assim definidos: a) Investigar como foram as experiências e os desafios enfrentados desde sua formação nos conventos até a vivência na cidade e na comunidade aparecidense; b) Entender como foi a atuação dessas mulheres em instituições escolares católicas escolarizando crianças e jovens naquela comunidade; c) Identificar suas trajetórias numa sociedade da época em que as mulheres participavam de um movimento de ampliação nos direitos femininos. Para este estudo, as questões norteadoras foram as seguintes: Como foi a experiência dessas mulheres enquanto freiras e professoras? Qual foi a motivação para o deslocamento delas de Minas Gerais para o estado de Mato Grosso? Quais os percalços enfrentados por serem mulheres num período em que tinham pouca voz? Delimitou-se um recorte temporal com início em 1963 até o tempo presente, pois marca a saída destas freiras de Aparecida do Taboado (MS) e de memórias atuais. Como procedimento metodológico utilizou-se: 1) Pesquisa bibliográfica: revisão da literatura a fim de estabelecer a fundamentação teórica e para análise da categorização da produção científica que trata do tema. 2) Pesquisa documental: buscou-se a teoria que fundamenta este estudo e procedeu-se ao levantamento das fontes documentais sobre as freiras Batistinas, como memórias em livros de registros, cartas, caderneta escolar, entrevistas, diários, jornais da época, fontes iconográficas para coleta e seleção para o estabelecimento do *corpus* documental. O referencial teórico foi estabelecido a partir da leitura de obras como Michelle Perrot (2019), Joan Scott (2023), Natalie Davis (1997), Ecléia Bosi (1987), Tania Zimmermann (2004, 2022), entre outros autores que tratam do tema. O desenvolvimento da pesquisa fundamentou-se no pressuposto de que o processo de introdução dessas mulheres no município colaborou para o crescimento da educação local, uma vez que tiveram grande participação na educação de crianças e jovens da cidade e região. Os resultados mostraram que o legado deixado pelas freiras Batistinas constituiu-se numa contribuição muito importante para o crescimento da área da educação, bem como para toda a sociedade aparecidense e região.

Palavras-chave: Mulheres Religiosas. Irmãs Batistinas. Aparecida do Taboado (MS).

ABSTRACT

This dissertation is affiliated with the Brazilian History and Historiography Study and Research Group (GEPHEB) and the History, Society, and Education research line of the Graduate Program in Education at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS). The focus of this study was the trajectory of Baptistine nuns through their narratives and experiences while working in Aparecida do Taboado, Mato Grosso do Sul, since the municipality was still part of the state of Mato Grosso. The overall objective was to understand the trajectories of Baptistine nuns as religious, teachers, and citizens from the perspective of women's history. The specific objectives were defined as follows: a) To investigate the experiences and challenges they faced from their formation in convents to their life in the city and community of Aparecida; b) To understand the role of these women in Catholic schools, educating children and young people in that community; c) To identify their trajectories in a society at a time when women participated in a movement to expand women's rights. The guiding questions for this study were: What was the experience of these women as nuns and teachers? What motivated them to move from Minas Gerais to the state of Mato Grosso? What were the challenges they faced as women in a period when they had little voice? A time frame was defined, beginning in 1963 and continuing to the present, as it marks the departure of these nuns from Aparecida do Taboado, Mato Grosso, and their current memories. The following methodological procedures were used: 1) Bibliographic research: a literature review to establish the theoretical foundation and to analyze the categorization of scientific literature addressing the topic. 2) Documentary research: We sought the theory underlying this study and collected documentary sources on the Baptistine nuns including memoirs in record books, letters, school notebooks, interviews, diaries, newspapers of the time, and iconographic sources for collection and selection to establish the documentary corpus. The theoretical framework was established based on works by Michelle Perrot (2019), Joan Scott (2023), Natalie Davis (1997), Ecléia Bosi (1987), Tania Zimmermann (2004, 2022), among other authors who address the topic. The research was based on the assumption that the process of introducing these women to the municipality contributed to the growth of local education, as they played a significant role in the education of children and youth in the city and region. The results showed that the legacy left by the Baptistine nuns constitutes a very important contribution to the growth of the education sector, as well as to the entire society of Aparecida do Taboado and the surrounding region.

Keywords: Religious Women. Baptistine Sisters. Aparecida do Taboado (MS).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resultado de levantamento de pesquisas em bases de dados	23
Quadro 2 - Freiras Batistinas vivas até 2024.....	28
Quadro 3 - Freiras Batistinas que não permaneceram na ordem religiosa.....	29
Quadro 4 - Freiras Batistinas que faleceram (1963-1988)	29
Quadro 5 - Participantes da pesquisa	77

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do município de Aparecida do Taboado no estado de Mato Grosso do Sul (MS)	26
Figura 2 - Chegada das irmãs Batistinas ao município de Aparecida do Taboado (MT).....	27
Figura 3 - Mulheres Batistinas realizando batizado	33
Figura 4 - Irmãs Batistinas em frente a um hospital	35
Figura 5 - Irmãs Batistinas e estudantes em frente ao Instituto Cônego Afonso M. Fusco	37
Figura 6 - Certificado de conclusão de curso no ano de 1971	43
Figura 7 - Cerimônia de formatura	46
Figura 8 - Cerimônia de formatura	47
Figura 9 - Crianças participantes da banda escolar	48
Figura 10 - Jornal no vigésimo aniversário de emancipação de Aparecida do Taboado.....	54
Figura 11- Caderneta Escolar do Instituto Cônego Afonso Maria Fusco.....	55
Figura 12 - Batistinas que vieram para o Brasil no século XIX.....	58
Figura 13 - Imagem da Madre Crucifixa Caputo	59
Figura 14 - Comemoração dos 84 anos das irmãs Batistinas no Brasil	60
Figura 15 - Localizações em que as irmãs Batistinas estão situadas em nível mundial	62
Figura 16 - Irmãs Batistinas na Casa de Repouso em Belo Horizonte (MG).....	65
Figura 17 - Irmãs Batistinas reunidas para o almoço na Casa de Repouso	67
Figura 18 - Convenção que reuniu várias Batistinas de diversas localidades.....	69
Figura 19 - Irmãs Batistinas durante recepção de irmã italiana	70
Figura 20 - irmãs Batistinas na Casa Provincial em Belo Horizonte (MG)	71
Figura 21 - Irmã Sílvia Couto com as irmãs Batistinas na casa provincial	72
Figura 22 - Preparação das irmãs Batistinas para apresentação natalina na Casa Provincial em Belo Horizonte (MG)	73
Figura 23 - Convite para participar da festa de comemoração dos 60 anos da chegada das Batistinas em Aparecida do Taboado (MS).....	74
Figura 24 - Irmãs Batistinas em festividade de comemoração aos 60 anos de chegada a Aparecida do Taboado e fundação do Instituto Cônego Afonso M. Fusco.....	75
Figura 25 - Comemoração dos 60 anos das Batistinas em Aparecida do Taboado (MS)	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABHO - Associação Brasileira de História Oral

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Catálogo de Teses & Dissertações

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

GEPHEB - Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira

HO - História Oral

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

PIBAP - Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação

MG - Estado de Minas Gerais

MS - Estado de Mato Grosso do Sul

SciELO - Scientific Electronic Library Online

SP - Estado de São Paulo

UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
Percursos Pessoal e Profissional.....	12
INTRODUÇÃO.....	15
Dos objetivos e metodologia.....	15
Levantamento nas bases de dados.....	23
1 BATISTINAS: UM LEGADO DO CUIDADO E RELIGIOSIDADE.....	57
1.1 Batistinas na comunidade.....	57
1.2 Vida escolar e testemunhos.....	65
2 JORNADA DAS MULHERES BATISTINAS.....	77
2.1 A Chegada das Batistinas no Brasil.....	82
2.2 Existências contemporâneas	85
2.2.1 Memórias Vivas: Celebrando 60 Anos das Batistinas em Aparecida do Taboado.....	83
3 NARRATIVAS DE MULHERES FREIRAS: TRANSFORMAÇÃO E	
IDENTIDADE	86
3.1 Construindo identidades.....	91
3.2 Vida escolar e identidades.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	89
ANEXOS.....	92

APRESENTAÇÃO

Percursos Pessoal e Profissional

Inicialmente considero fundamental contextualizar meus percursos pessoais e profissionais enquanto estudante de Mestrado em Educação, apresentando brevemente minha trajetória marcada por anseios e desafios que impulsionaram minha dedicação aos estudos. A pesquisa na área de História constitui para mim uma verdadeira paixão e acredito que compartilhar parte dessas vivências poderá auxiliar o leitor a compreender o interesse que motivou o desenvolvimento desta investigação.

Nasci em 24 de agosto de 1975, filha de Benedito Gomes do Nascimento e Maria Aparecida da Cruz do Nascimento, sendo a primogênita entre cinco irmãos. Minha infância foi marcada pela tranquilidade e aconteceu em uma fazenda, onde pude vivenciar intensamente essa fase da vida no meio rural.

Iniciei minha trajetória escolar aos dez anos de idade, uma vez que durante toda a infância residi em fazendas localizadas na zona rural, onde não havia escolas, o que gerou diversas dificuldades para a continuidade dos meus estudos. Diante dessa realidade, frequentei uma escola situada em uma fazenda vizinha. Desde então, enfrentei os primeiros desafios relacionados à minha educação, mas superei todos impulsionada pelo gosto que sempre tive pelos estudos.

Recordo-me do primeiro dia de aula quando, enfim, pude frequentar a tão sonhada escola. Minha mãe se levantou cedo e preparou uma marmita. Pegamos (eu e meu irmão) nosso caderninho, uma borracha e um lápis de tabuada e seguimos a pé rumo aos nossos sonhos. Andávamos aproximadamente três quilômetros, mas felizes. Havia muitos obstáculos no caminho para chegarmos à escola, atravessávamos pastos e invernadas. Na época, tudo era muito difícil, pois passávamos fome no percurso, faltava merenda e enfrentávamos diversas adversidades. Algumas crianças desistiram, mas segui otimista em minha caminhada escolar.

Meu pai sempre queria mudar de fazenda, mas minha mãe, mesmo com pouco estudo, teve a sabedoria de não permitir que nos mudássemos para fazendas sem escolas próximas, garantindo, assim, nossa oportunidade de estudar. Com tantas mudanças, sempre estranhávamos as novas realidades, pois as professoras e os colegas de sala eram diferentes, mas, ainda assim, seguíamos em frente. Quando ingressei na terceira série do Ensino Fundamental, mudamos do estado de São Paulo (SP) para o estado de Mato Grosso do Sul (MS), estabelecendo-nos em uma fazenda no município de Paranaíba (MS). Ali, os desafios

para continuar com os estudos persistiram. Lembro-me de que chorava muito, pois não queria sair da escola.

Na época, minha mãe buscava alternativas para garantir nossa continuidade nos estudos e conseguiu nos matricular em uma unidade escolar que oferecia apoio com transporte. Dessa forma, íamos com um leiteiro que nos levava de trator. Na quinta série, nós mudamos novamente. Fomos para uma escola grande, bonita e bem organizada, onde tínhamos muitos professores e disciplinas. Eu e minha irmã nos ajudávamos nos estudos, pois os livros comprados eram muito caros para as condições dos meus pais, então revezávamos o uso dos materiais.

Com o passar dos anos, o sofrimento para estudar não cessou, mas chegou o momento de cursar o Ensino Médio, embora tivesse interrompido os estudos por um período. Na época, tinha 34 anos e três filhos, mesmo assim não desisti de concluir a última etapa da educação básica e tive o apoio do meu esposo e da minha família, seguindo firme entre os afazeres de mãe, esposa, trabalhadora e estudante.

Nesse retorno aos estudos, enfrentei muitos desafios, mas tive a ajuda dos professores, que, por muitas vezes, iam até minha carteira me explicar o conteúdo e me apoiar. Muitas vezes, durante as aulas de Educação Física, eles dedicavam esse tempo para me orientar e incentivar, ajudando-me a não desistir.

Em 2010, prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e fui aprovada no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba (MS). Na época da graduação, comecei a participar da iniciação científica, estudei e pesquisei durante os quatro anos do curso sobre a história no Colégio Cônego Afonso Maria Fusco, localizado no município de Aparecida do Taboado (MS), cidade vizinha à minha residência e à universidade em que estudava. Nesse percurso, fui aluna bolsista com oportunidade de participar de eventos acadêmicos e vivenciar “o mundo da pesquisa”, o qual sempre me instigou. Assim, suscitava em mim a vontade de me tornar pesquisadora.

No ano de 2014, último ano de curso, sofri um acidente com minha família e meu esposo faleceu. Foram momentos dolorosos, que aos poucos fui superando para seguir a vida e vencer as dificuldades, sendo uma delas a conclusão dos estudos.

Em 2015, fui aprovada na Pós-Graduação *Lato Sensu* na mesma Universidade em que cursei a Licenciatura em Pedagogia e consegui concluir o curso com êxito. Assim, continuei minha trajetória acadêmica, seguindo com a mesma pesquisa iniciada na graduação, ou seja, novamente participei da iniciação científica na linha de História da Educação.

Continuei estudando e em 2016 busquei a tão sonhada aprovação no curso de Mestrado Acadêmico em Educação. Fiz algumas tentativas nas seleções, mas com reprovações. Contudo, não desisti, pois minha vontade era de dar sequência à pesquisa que desenvolvi na iniciação científica, a qual envolveu o Colégio Cônego Afonso Maria Fusco e era voltada ao trabalho das irmãs Batistinas. Pesquisar sobre as contribuições dessas mulheres para a comunidade de Aparecida do Taboado (MS) era uma grande pretensão, pois, para mim, havia um encantamento sobre suas histórias de vida, por se doarem ao próximo e ocuparem um importante papel na sociedade enquanto educadoras.

Assim, em 2022, fui aprovada no curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba (MS), vinculada à Linha de Pesquisa em Educação, Linguagem e Sociedade, quando alcancei a oportunidade de dar sequência aos estudos desenvolvidos na iniciação científica e na graduação.

Durante o curso de Licenciatura em Pedagogia tive a oportunidade de visitar algumas vezes a cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais (MG), para encontrar as irmãs Batistinas. Esse contato foi fundamental para esta pesquisa, visto que observei aspectos dessas mulheres religiosas que há anos contribuem com trajetórias, vivências educacionais outras áreas para a sociedade.

INTRODUÇÃO

Dos objetivos e metodologia

Esta pesquisa teve como base o projeto de iniciação científica no curso de Pedagogia da UEMS, com início no ano de 2011 e foco na história da escola Cônego Afonso Maria Fusco fundada pelas irmãs Batistinas. Com alicerce nas histórias e trajetórias dessas mulheres, tornou-se evidente a necessidade de avançar na compreensão de sua construção nesse percurso, a fim de compreender o papel que desempenharam nos âmbitos social, cultural e religioso. Além disso, observou-se o longo caminho percorrido e os desafios enfrentados nesse processo, situando num tempo delimitado para compreender as mudanças ocorridas nesse caminho.

O recorte temporal para o estudo foi definido para iniciar no ano de 1963, que coincide com o período em que as Batistinas chegaram a Aparecida do Taboado, que ainda era município de Mato Grosso (MT¹), até a finalização do trabalho no ano de 2024. A escolha desse período deve-se ao fato de possibilitar a inserção de fontes e documentos atualizados sobre as irmãs Batistinas.

Como objeto de estudo, tem a proposta de apresentar a trajetória de freiras Batistinas, por meio de suas narrativas e experiências, enquanto atuaram em Aparecida do Taboado desde quando o município ainda pertencia ao estado de Mato Grosso (MT). Tem o objetivo geral de compreender as trajetórias das freiras Batistinas enquanto religiosas, professoras e cidadãs na perspectiva da história das mulheres. Os objetivos específicos estão assim definidos: a) Investigar como foram as experiências e os desafios enfrentados desde sua formação nos conventos até a vivência na cidade e na comunidade aparecidense; b) Entender como foi a atuação dessas mulheres em instituições escolares católicas escolarizando crianças e jovens naquela comunidade; c) Identificar suas trajetórias numa sociedade da época em que as mulheres participavam de um movimento de ampliação nos direitos femininos.

Para atender o objetivo geral proposto que é compreender as trajetórias das freiras Batistinas enquanto religiosas, professoras e cidadãs na perspectiva da história das mulheres, este trabalho buscou, além de registrar a história das irmãs Batistinas, também investigar como os diferentes papéis que essas mulheres desempenhavam moldaram suas vidas em relação a suas identidades.

¹ A divisão do estado ocorreu em 1977 e após esta data este município pertence ao Mato Grosso do Sul (MS).

Investigar como foram as experiências e os desafios enfrentados possibilitou registrar a trajetória, como foi formada na prática a história das irmãs Batistinas, bem como mostrar quão difícil e dedicado era o ofício de ensinar, promover a cidadania e, ao mesmo tempo, dedicar-se à religião que escolheram servir. Dessa forma, o estudo procurou não apenas registrar a história das freiras, mas também entender como foi a atuação dessas mulheres em instituições escolares católicas escolarizando crianças e jovens naquela comunidade, o que proporcionou uma reflexão sobre o significado de suas práticas e os desafios enfrentados no entrelaçamento de religião, educação e cidadania nesse movimento pioneiro de mulheres que fizeram história.

Para atingir tais objetivos, utilizou-se como procedimento metodológico: 1) Pesquisa bibliográfica: revisão da literatura a fim de estabelecer a fundamentação teórica e para análise da categorização da produção científica que trata do tema. 2) Pesquisa documental: buscou-se a teoria que fundamenta este estudo e procedeu-se ao levantamento das fontes documentais sobre as freiras Batistinas, como memórias em livros de registros, cartas, caderneta escolar, entrevistas, diários, jornais da época, fontes iconográficas para coleta e seleção para o estabelecimento do *corpus* documental.

De acordo com Bardin (2016), na fase da pré-análise é realizada a definição do *corpus*, o levantamento de referencial teórico e a preparação para a coleta de dados a fim de fundamentar o contexto formativo do tema estudado.

A metodologia utilizada quanto ao tipo de pesquisa foi feita também com base em Vergara (2005), considerando quanto aos fins e quanto aos meios: Quanto aos fins, é explicativa, pois pretende explicar a trajetória, a história das freiras Batistinas. “A investigação explicativa tem como principal objetivo tornar algo inteligível justificando os motivos. Visa, portanto, esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno” (Vergara, 2005, p. 47).

Quanto aos meios, a pesquisa é documental, pois, usa documentos conservados por diversas fontes para compreender o tema. “Uma investigação documental é a realizada em documentos conservados no interior de órgãos públicos e privados de qualquer natureza, [...]” (Vergara, 2005, p. 48).

Este estudo tem caráter bibliográfico, uma vez que utiliza livros, artigos e revistas sobre o assunto. “A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral” (Vergara, 2005, p. 48). Além de usar ferramenta de internet para consultar textos especializados, jornais, artigos e dissertações em sites oficiais para atualizar o trabalho.

Esta investigação respondeu o questionamento proposto principalmente com fundamento no referencial teórico estabelecido a partir da leitura de obras como Michelle Perrot (2012, 1019), Joan Scott (2023), Natalie Davis (1997), Ecléia Bosi (1987) Zimmermann (2022), entre outros autores que tratam do tema.

Ao estabelecer esse contexto formativo, a partir dos primeiros levantamentos de dados, foram propostos os seguintes questionamentos, que serviram para nortear o estudo: a) Quais foram os enfrentamentos das irmãs Batistinas, que são mulheres que vivem em nome da fé, para contribuir com a educação e com a comunidade do município de Aparecida do Taboado (MT)? Como foi a experiência dessas mulheres enquanto freiras e professoras? Qual foi a motivação para o deslocamento delas de Minas Gerais para o estado de Mato Grosso? Quais os percalços enfrentados por serem mulheres num período em que tinham pouca voz?

Bardin (2016) afirma que numa pesquisa é preciso observar alguns passos iniciais, que chama de pré-análise, depois, procede-se a exploração do material ou codificação e, por fim, o tratamento dos resultados e a interpretação desses.

Dessa forma, no período de pré-análise foi realizada a leitura flutuante do conteúdo expresso nas entrevistas definindo a trajetória, identidade e transformação como eixos do estudo. Na exploração de material, categorização ou codificação a unidade de estudo se deu pela classificação e agrupamento das fontes como as que pertenciam à vida escolar, à comunitária e suas existências contemporâneas. No tratamento dos resultados, inferência e interpretação ocorreu a partir das informações contidas nas fontes tensionadas pela história das mulheres foi construída a síntese textual com fundamento nas teorias de estudiosos sobre o assunto tratado, bem como outras fontes de informações pertinentes à temática.

Inicialmente, foi feita uma revisão da literatura para levantar os trabalhos relevantes que tratam do tema em questão. A busca foi feita com ferramenta da internet em sites especializados, usando as palavras-chave: Batistinas e freiras Batistinas.

Com o mesmo objeto deste estudo, o artigo de Maria Noeli Sobreira, "História e memória da educação em Juazeiro do Norte", analisa a atuação de uma madre educadora responsável pela alfabetização de crianças e pela assistência social entre 1946 e 2017. Este trabalho lança luz sobre a relação entre práticas pedagógicas, religiosidade e ações sociais, elementos fundamentais para compreender o impacto da educação católica em contextos locais.

Outro estudo significativo é a Dissertação "A Renovação Educacional sob as Bênçãos Católicas: um estudo sobre a aliança Estado/Igreja em Minas Gerais (anos 1920-1930)", de Maria Noeli Sobreira. Aborda a confluência de interesses entre o Estado e a Igreja no campo educacional, destacando as implicações ideológicas e estruturais dessa parceria no período.

O artigo “Mulheres em Movimento”, de Sueli Carneiro, destaca a criação dos Conselhos da Condição Feminina que são órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres.

Esses trabalhos contribuem para a discussão teórica ao evidenciarem os espaços educacionais religiosos e a condição de mulheres que atuaram não apenas na formação de indivíduos, mas também como mecanismo de controle social e difusão de valores morais na sociedade.

É importante destacar que nesse aspecto a contribuição da metodologia da História Oral pode ser usada como ferramenta, criando a possibilidade de dar voz a quem faz história. Baseada nas contribuições de Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (2006), especialmente na obra “Usos e abusos da História Oral”, entende-se que essa abordagem permite acessar narrativas pessoais que revelam dimensões subjetivas e coletivas da memória, fundamentais para a análise das trajetórias das mulheres participantes. A História Oral, ao dar voz às experiências individuais, possibilita uma reconstrução mais rica e plural do passado, assim, permite a interpretação de como essas vivências se relacionam com o contexto histórico e social mais amplo.

Além disso, o livro “Ruídos da Memória” (1995), de Marina Maluf, oferece uma perspectiva crítica ao lidar com as lacunas, tensões e ambiguidades das narrativas orais. Maluf (1995) enfatiza a importância de reconhecer os “ruídos” presentes nas memórias, não como falhas, mas como partes constitutivas de um processo complexo de construção de sentido.

O primeiro passo até chegar nas narrativas, foi compreender o que era história oral e, a partir disso, dar início à elaboração das entrevistas, afinal não se trata de perguntas soltas e sim com uma estrutura, embora durante sua aplicação tivessem ocorrido falas que fugiam do contexto, sendo necessário, retomar voltando às questões. As entrevistas foram realizadas na cidade de Aparecida do Taboado no momento em que uma irmã visitava a outra que naquele período estava morando na cidade.

As entrevistas foram gravadas por gravador do celular seguindo o roteiro. Depois, foram transcritas buscando ser fidedigna à fala de cada uma das entrevistadas, após esse momento, com aportes teóricos e autores que referenciam cada processo, foi feita análise desse material para só então começar a seleção dessas narrativas para compreender essas trajetórias dessas mulheres.

Com essa base teórica e metodológica, a pesquisa não apenas investiga as histórias de vida das mulheres participantes, mas também contribui para o entendimento mais amplo sobre

a educação religiosa, a memória social e os papéis desempenhados por mulheres em contextos de transformação social e cultural.

De início, foi feita a busca por um referencial teórico que servisse de base para a compreensão e análise do tema estudado conforme método de Bardin (2016). Esse processo envolveu a identificação, leitura e seleção de obras relevantes, tanto clássicas quanto contemporâneas, relacionadas ao objeto de estudo. Após a separação e organização desse referencial teórico foi elaborado o projeto de pesquisa, que foi submetido à Plataforma Brasil² para aprovação ética.

O processo de submissão à Plataforma Brasil, essencial para garantir a conformidade da pesquisa com os padrões éticos e metodológicos, foi conduzido de forma detalhada e minuciosa, considerando as exigências de documentação e descrição dos procedimentos a serem adotados. Somente após a aprovação, a pesquisa avançou para a etapa de coleta de fontes primárias.

Nesta fase, foram reunidos dados por meio de diferentes registros, como entrevistas realizadas com as participantes diretamente envolvidas no contexto estudado, além de fotografias, documentos históricos e outros registros que enriqueceram o estudo. Cada fonte foi cuidadosamente analisada e integrada ao trabalho, contribuindo para a construção de uma narrativa bem fundamentada sobre as questões investigadas.

A entrevista com uma aluna foi selecionada para trazer mais dados dessa trajetória dessas mulheres e, sendo tratada da mesma forma, com rigor desde a gravação até a transcrição. Segundo Amado e Ferreira (2006), os relatos surgem de algo muito singular: o diálogo entre entrevistador e entrevistado, o que sugere que essa relação não se divide rigidamente entre sujeito e objeto. Essa interação possibilita uma interpretação mais rica e detalhada das fontes, como evidenciado nesta pesquisa.

Bosi (1987), por meio do estudo “Lembranças de Velho”, traz a função da memória, enfatizando que não se reconstrói o tempo, nem se anula. Dessa forma, compreende-se que, ao derrubar a barreira que separa o presente do passado, lança-se uma ponte. Luca (2020) pontua, que refletir sobre as mulheres na história não parecia tão relevante aos historiadores até que elas tomassem o espaço público e questionassem a ordem estabelecida.

Nos relatos, as entrevistadas enfatizaram tanto a formação religiosa quanto a trajetória de renúncias que acompanhou o processo formativo dessas freiras. Isso pode ser traduzido em História Oral. Além disso, o uso de imagens também traz uma contribuição sobre o cotidiano. Nesse sentido, o artigo organizado por Helenice Aparecida Bastos Rocha, Marcelo de Souza

² Protocolo número 6.754.371

Magalhães e Rebeca Gontijo (2009), aborda a análise das imagens e as trajetórias dos sujeitos que as produzem, propondo uma leitura sobre as representações na construção da memória e na compreensão dos processos sociais e culturais.

A obra explora a noção de valor atribuído às imagens e a ideia de autoria, que, segundo os autores, não se restringe à esfera escolar, mas emerge de uma multiplicidade de contextos formativos e culturais. Esse conceito de autoria se desdobra em diversas modalidades de "saber fazer", refletindo práticas, saberes e significados que são construídos e atribuídos coletivamente. Para os autores, o valor de uma imagem transcende seu conteúdo visual, configurando-se como um "tempo condensado de experiência social", ou seja, a imagem representa e condensa experiências, valores e momentos históricos específicos, servindo como um elo entre o passado e o presente. Assim, o estudo das imagens requer a consideração de suas dimensões sociais, culturais e históricas, já que cada imagem, enquanto artefato cultural é fruto dos processos de desenvolvimento dos meios de produção de sua época, refletindo as relações sociais que a cercam e a eficácia social que exerce.

As imagens, então, não são apenas representações estáticas, mas carregam consigo uma eficácia social significativa. Elas influenciam e moldam percepções, memórias e identidades, as quais funcionam como mediadoras na transmissão de saberes e valores entre gerações. Essa reflexão sobre as imagens é essencial, pois permite perceber como essas representações visuais articulam narrativas que vão além do visível, posto que desempenham um papel ativo na construção cultural e simbólica de uma comunidade. Por isso, ao analisar imagens como parte do patrimônio cultural, é importante reconhecer que elas possuem uma capacidade de comunicar e perpetuar experiências sociais condensadas, que funcionam tanto como produto quanto como produtor de significados sociais.

Essas imagens são fundamentais para o entendimento da identidade coletiva das freiras, pois, ao encapsular camadas de experiências e memórias, contribuem para a compreensão das trajetórias e das histórias daqueles que as produziram e daqueles que se reconhecem nelas. Ouvir sobre as atuações dessas mulheres é um caminho para refletir nessa trajetória vivida por elas.

No campo da pesquisa histórica sobre mulheres, é relevante destacar que durante décadas muitas foram relegadas ao silêncio. Michelle Perrot (2019), em seu livro "Minha História das Mulheres" aborda de maneira incisiva a marginalização das mulheres ao longo dos séculos, período em que suas vozes foram abafadas e suas experiências ignoradas ou confinadas aos bastidores. Para Perrot (2019), escrever a história das mulheres é um ato de resistência e

reconhecimento, é romper com o silêncio que as circundou, ir além do esquecimento e trazer à luz suas contribuições, lutas e perspectivas.

Ainda conforme Perrot (2019), dar voz às mulheres na história é reverter o apagamento que acompanhou gerações e que ainda marca muitas narrativas históricas. A autora sugere que ao escutar e registrar as experiências das mulheres possibilita uma nova dimensão à compreensão histórica, que passa a incluir os afetos, os cotidianos e as formas de resistência que compõem a vida feminina. Esse processo não apenas valoriza as vivências dessas mulheres, mas também questiona as estruturas que as silenciaram. Ao seguir essa linha de pensamento, é relevante compreender que o reconhecimento dessas trajetórias individuais e coletivas permite refletir sobre os fatores que influenciam a formação dessas mulheres em particular.

Nesse sentido, apresentam-se aspectos do contexto histórico e formativo de vida dessas mulheres para compreender como foram preparadas para desempenhar suas atividades no contexto educacional e religioso no município de Aparecida do Taboado, evidenciando os valores e princípios que moldaram suas ações ao longo dos anos. O diálogo com fontes históricas como a fotografia documental contribuiu para entender as “[...] múltiplas interpretações, nas diferentes leituras que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações” (Kossoy, 2002, p. 38).

Por meio de documentos históricos como entrevistas, jornais e diários buscou-se trazer experiências dessas mulheres e, com isso, destacar suas contribuições para a comunidade local. Esse processo permitiu compreender essas histórias, conectando elementos individuais e coletivos que evidenciaram suas vivências, no decorrer da pesquisa.

Esta pesquisa foi estruturada em três capítulos. No capítulo 1: “Batistinas: um legado do cuidado e vida religiosa” foram apresentados aspectos geo-históricos do local onde se estabeleceram as freiras Batistinas, informando quais delas estão vivas e quais foram a óbito. Também foram destacadas as motivações para a vinda, a chegada, a recepção, a atuação das freiras na educação, na saúde e na vida comunitária. Este capítulo foi fundamentado especialmente autores como Michelle Perrot (2019) e a ausência de escritos sobre a história das mulheres, bem como com Joan Scott (2023) e as experiências de gênero e com Zimmermann e Medeiros (2004) sobre as trajetórias de mulheres.

No capítulo 2: “A Jornada das mulheres Batistinas” são abordadas as origens da congregação, sua existência no mundo, seu propósito e missão a partir dos votos para enfatizar a atuação das irmãs na formação educacional e comunitária aparecidense. Também se detalha a jornada empreendida pelas irmãs Batistinas, partindo de Belo Horizonte (MG) em direção a

Aparecida do Taboado (MT). Por último, aborda-se o retorno das freiras para a casa de acolhimento em MG, depois do fim da instituição educacional nesta cidade.

Esse movimento foi muito mais do que uma transição geográfica uma vez que simbolizou o movimento dessas mulheres em nome da fé. A fundação da escola marcou o início de uma trajetória de trabalho e dedicação que transformou vidas na região. Os desafios enfrentados por essas freiras, os relatos contidos em um diário são permeados por processos de adaptação cultural e pela força na espiritualidade, que foi o que as impulsionou. As irmãs não apenas abriram portas para a educação, mas também criaram um legado que continua a ser lembrado até hoje. Este capítulo destaca a importância de sua atuação em um cenário de escassez educacional e revela como elas contribuíram para moldar as possibilidades de futuro para muitas famílias, com esse processo estando intimamente ligado à igreja.

No capítulo 3: “Narrativas de Mulheres Freiras: transformação e identidade” apresentam-se algumas narrativas das freiras, buscando compreender como em suas trajetórias de vida e com as transformações pelas quais passaram se construíram as suas identidades como mulheres religiosas. Esses relatos trazem à tona as escolhas marcantes dessas mulheres, como a renúncia a bens materiais, à vida familiar tradicional e, muitas vezes, ao próprio nome, em nome de uma motivação religiosa. Percebe-se no conteúdo das entrevistas adaptações ao longo do tempo, como mudanças em suas vestimentas, habitações, formas de relacionamento com outras mulheres e como a vida na instituição educacional da cidade moldou e reforçou suas identidades. Essas mudanças são apresentadas como reflexos de um processo hierárquico, mas também de suas estratégias cotidianas.

Nas Considerações Finais percebe-se que o estudo das imagens, documentos históricos e narrativas permitiram evidenciar não apenas o papel dessas mulheres como educadoras e religiosas, bem como os desafios e ressignificações que marcaram sua trajetória. Ao abordar suas histórias, percebeu-se que suas experiências transcenderam o campo educacional, visto que influenciaram práticas sociais, culturais e religiosas da comunidade. Assim, essa pesquisa não apenas valoriza a memória dessas mulheres, ainda destaca a relevância de suas ações na construção da identidade coletiva e na transformação do contexto em que estavam inseridas.

O desenvolvimento desta pesquisa fundamentou-se no pressuposto de que o processo de introdução dessas mulheres no município colaborou para o crescimento da educação local, uma vez que tiveram grande participação na educação de crianças e jovens da cidade e região, o que justifica a importância deste trabalho.

Levantamento nas bases de dados

A pesquisa, durante o levantamento de dados, trouxe a história de mulheres numa época em que estas começavam a lutar pelos seus direitos, com a pretensão de contribuir para a historiografia feminina e a valorização da atuação delas na educação e na sociedade.

Com o objetivo de compreender o cenário de pesquisas relacionadas à temática abordada nesta Dissertação, foi realizado um levantamento em plataformas de bases digitais como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses & Dissertações (CAPES) e a Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Inicialmente, utilizou-se o descritor "Batistinas" AND "educação" AND "mulheres", mas não foram encontrados estudos em nenhuma das três plataformas exploradas. Diante disso, o descritor foi alterado para "freira" AND "educação", o que resultou na localização desses artigos. O termo “educação” foi selecionado, uma vez que as mulheres desta pesquisa também atuaram e ainda atuam como docentes, sendo este aspecto presente em suas constituições de vida.

Cabe destacar que na plataforma BDTD a inserção do descritor proposto resultou em diversas pesquisas envolvendo os estudos de Paulo Freire, pelo fato de freira se aproximar da palavra Freire, porém, sem relação com a proposta da presente pesquisa, sendo descartadas.

Nesse sentido, foi localizado apenas um artigo na SciELO, e uma dissertação que trata do objeto selecionado apresentando a relação entre Estado e Igreja, no bojo das Reformas de Ensino e suas implicações nos discursos de formaturas produzidos por educadores católicos, publicados na Revista do Ensino de Minas Gerais e o livro que traz alguns ensinamentos da Madre Crucifixa dada a escassez de documentos, assim, analisa imagens de uma jovem que saiu de casa, para ser freira.

Quadro 1. Resultado de levantamento de pesquisas em bases de dados.

Título da Pesquisa	<p>Maria Noeli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte³.</p> <p>A RENOVAÇÃO EDUCACIONAL SOB AS BENÇÃOS CATÓLICAS: um estudo sobre a aliança Estado/Igreja em Minas Gerais (anos 1920-1930).</p> <p>MADRE CRUCIFIXA Madalena Caputo (1848-1903) Cofundadora da família Batistina.</p>
---------------------------	---

³Artigo disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/b7QZQGK3bfqvzwp9LwyVV7C/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 07 abr. 2024.

Autoria	<p>Lia Machado Fiuza Fialho, Pesquisadora da Universidade do Ceará.</p> <p>Zuleide Fernandes de Queiroz, Estudante da Universidade Regional do Cariri.</p> <p>Vanda Terezinha Medeiros de Barros pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.</p> <p>Edna Maria de Medeiros Batistina realizou uma pesquisa sobre Madre Crucifixa do Divino Amor.</p>
Ano	<p>2018</p> <p>2009</p> <p>2000</p>
Periódico	<p>Educar em Revista</p> <p>https://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2006_2-232-ME.pdf</p> <p>editorial e projeto 2000</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A partir da localização e seleção de outras pesquisas com objeto próximo, foi possível perceber que nas bases de dados há muitas lacunas sobre a contribuição de batistinas na educação brasileira, especialmente em Mato Grosso do Sul. Neste primeiro capítulo, são apresentados alguns aspectos históricos de suas migrações, localizando partes de suas trajetórias, formações e contribuições.

1 BATISTINAS: UM LEGADO DO CUIDADO E RELIGIOSIDADE

Compreender as principais características do local onde a pesquisa foi realizada é necessário para um estudo contextualizado. Por isso, apresenta-se o município de Aparecida do Taboado, situado na costa leste do estado de Mato Grosso do Sul.

Atualmente, de acordo com o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Aparecida do Taboado possui uma população de 27.674 (vinte e sete mil, seiscentos e setenta e quatro) habitantes, sendo classificado como um município de pequeno porte. Sua localização estratégica próxima ao Rio Paraná e na divisa com o estado de São Paulo contribui para sua relevância regional, especialmente nas áreas de comércio e transporte.⁴

Aparecida do Taboado, na década de 1970, vivia um lento processo de urbanização com a agricultura sendo a principal atividade econômica. Naquele período, a produção de culturas como arroz, milho e mandioca dominava a economia local, com pequenas propriedades familiares que garantiam o sustento das famílias.

Ao mesmo tempo, o transporte fluvial no Rio Paraná e a inauguração de rodovias que ligavam a região a grandes centros urbanos começaram a mudar o perfil do município, visto que facilitava o escoamento da produção agrícola e ampliava o acesso a mercados mais distantes. Esse movimento marcou o início de uma integração econômica mais ampla com outras regiões do estado e do país.

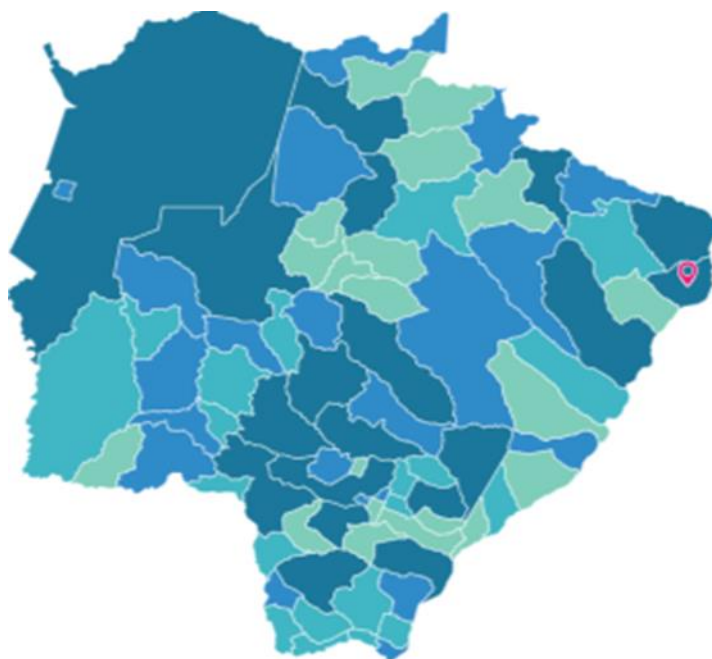
A década de 1970 também foi marcada por mudanças sociais. A população, então significativamente menor do que a atual, concentrava-se em áreas rurais, mas a sede do município começava a atrair migrantes em busca de melhores condições de vida. A presença de migrantes vindos de estados vizinhos, especialmente São Paulo e Minas Gerais, também contribuiu para a diversidade cultural e para o crescimento demográfico.

Esses dados históricos e geográficos ajudam a compreender como Aparecida do Taboado evoluiu ao longo das décadas, transformando-se de um município predominantemente rural em uma localidade que equilibra as atividades agropecuárias com comércio e serviços.

Esse panorama histórico-geográfico é essencial para contextualizar a pesquisa.

⁴ <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/aparecida-do-taboado.html>. Acesso em maio de 2025.

Figura 1. Localização do município de Aparecida do Taboado no estado de Mato Grosso do Sul (MS).



Fonte: Imagem extraída do site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aparecida-do-taboado/panorama> (2024).

O município apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,697, o que indica um nível intermediário de desenvolvimento em diversas áreas, como educação, saúde e renda. A principal fonte de renda da localidade é a pecuária, setor que desempenha um papel fundamental na economia local, impulsionando o comércio e a geração de empregos na região. Além disso, o município se destaca pela produção agropecuária, com destaque para a criação de gado e o cultivo de grãos.⁵

Localizado no estado de Mato Grosso do Sul, o município está inserido na Mesorregião Leste (IBGE, 2021), uma área que concentra diversas cidades de relevância econômica e geográfica, uma região imediata das cidades de Paranaíba (MS), Chapadão do Sul (MS) e Cassilândia (MS), assim, forma um importante corredor de desenvolvimento regional. A proximidade com essas cidades facilita o acesso a mercados consumidores e a infraestrutura de transporte, essenciais para o escoamento da produção local.

Além disso, o município faz parte da Microrregião de Paranaíba (MS) conforme classificação do IBGE (2021), o que reforça sua integração econômica e social com outras localidades da região. Essa microrregião possui uma forte vocação agropecuária e é responsável por uma significativa parcela da produção do estado, o que contribui para o crescimento e

⁵ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aparecida-do-taboado/historico>. Acesso em maio de 2025.

fortalecimento do município em termos de infraestrutura e qualidade de vida para seus habitantes.

Para as freiras se deslocarem de Minas Gerais até o Mato Grosso, naquele período, foi preciso utilizar uma balsa na travessia entre São Paulo e Mato Grosso. Esse era um dos principais meios de transporte na região leste do estado.

Figura 2. Chegada das irmãs Batistinas de Balsa no Município de Aparecida do Taboado (MS), em 1963.



Fonte: Foto cedida pela irmã Batistina Sílvia Couto, extraída do álbum pessoal das religiosas (2024).

A imagem da Figura 2 é uma representação não apenas do transporte, mas também de uma tradição local, o que simbolizava a única possibilidade de a população da época atravessar o rio para acessar outras regiões. Para as freiras, essa viagem foi longa e cansativa, segundo consta em um diário, mas a chegada das irmãs à cidade de Aparecida do Taboado foi marcada por uma grande celebração.

Durante as pesquisas sobre a formação das Batistinas e sua trajetória na educação, foi possível perceber que, inicialmente, elas se dirigiram ao convento, com o objetivo de dedicar-se ao trabalho religioso. Cada uma delas, movida por motivos pessoais distintos, seguiu no caminho da vida religiosa, tomando decisões que, ao longo dos anos, influenciaram a sua missão.

Este estudo revela como ao longo do tempo essas mulheres foram moldando-se a diferentes espaços e contextos. A transição de uma casa para outra, por exemplo, reflete o serviço da igreja, que buscava mulheres que estivessem prontas para a vivência cristã. As mudanças de residência, no entanto, não foram apenas questões de logística, mas sim parte de

um processo mais amplo de adaptação e crescimento para uma formação sólida nesse processo dos votos, a obediência.

Nessa trajetória de vida, as Irmãs Batistinas deram grande contribuição para a formação de muitas crianças e jovens. Com muito trabalho prestado à congregação e com inserção desde muito cedo na vida cristã fizeram-nas seguir um caminho em que acreditavam, assim, construíram um legado significativo que inspirou as gerações mais novas quando decidiam seguir por esse caminho. O Quadro 2 apresenta o nome das freiras Batistinas que estão vivas até 2024, cuja presença representa, ainda hoje, sua importância na educação e vida comunitária de Aparecido do Taboado (MS).

Quadro 2. Freiras Batistinas vivas até 2024.

Beatriz Barbosa
Ide Raposo
Divina Maria Silva
Dionísia Gomes
Joana Darc Lopes Valente
Vera Chaves
Mirian Vaz Punto
Adélia Freitas
Sílvia Couto
Maria Lúcia Santos
Edite Medeiros
Mery Caetano
Ângela Jorge

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Suas existências são configuradas por experiências religiosas que marcaram a construção histórica dos lugares onde estiveram. Seus legados trazem como marca o altruísmo ligado à religiosidade. Ouvir e contar suas histórias é fundamental para entender a importância da participação dessas mulheres na construção do município de Aparecido do Taboado (MS).

Entretanto, houve freiras Batistinas que interromperam essa trajetória, como mostra o Quadro 3, na sequência:

Quadro 3. Freiras Batistinas que não permaneceram na ordem religiosa.

Batistinas que deixaram a ordem religiosa	
Maria do Carmo Maria das Dores	Cristina Maria Susan

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Quadro 3 apresenta as irmãs Batistinas que, por diferentes razões, optaram por não permanecer na Congregação. Elas são mencionadas em registros e listas históricas, mas deixaram a ordem religiosa em algum momento. Os motivos dessas saídas podem variar, envolvendo questões pessoais, sociais ou outras circunstâncias.

O Quadro 4 a seguir mostra os nomes de mulheres freiras que foram a óbito no período de 1963 a 1988, observando que elas tiveram suas trajetórias de vida em Aparecida do Taboado.

Quadro 4. Freiras Batistinas que faleceram (1963-1988).

Batistinas falecidas		
Agostinha de Amico	Valéria Guimarães	Francisca Gomes
Teresinha da Conceição	Odete Lagares	Letícia Freitas
M. Ângela Bonifácio	Auxiliadora Queiroz	Elizabeth Porto
Francisca Gonçalves	Carolina Silva	Rosária Maria
Sueli Esmeira	Imaculada Ferreira	Lurdes Menezes
	Roberta Iacusso	Regina Felisberto
	Artemísia Borges	Zilda Maria

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Durante sua permanência em Aparecida do Taboado (MT), de 1963 a 1973, ainda no tempo de funcionamento do colégio, as irmãs Batistinas dedicaram seu serviço em prol da igreja, oferecendo suporte e promovendo a educação. Elas estabeleceram uma formação de gerações, dentro de uma hierarquia, atuando na comunidade.

As informações sobre as irmãs Batistinas e suas ações foram coletadas a partir de registros históricos, entrevistas e documentos que evidenciaram o trabalho delas na comunidade local. A história dessas mulheres leva a refletir sobre a trajetória dessas mulheres que, movidas por um ideal, deixaram seus lares e suas cidades para seguir o que para elas era um propósito de vida. Essa escolha, por vezes árdua, exigiu renúncias e nem todas conseguiram permanecer nesse caminho.

As Irmãs Batistinas demonstraram ser mulheres resilientes seguindo aquilo em que acreditavam. Suas vidas refletem a análise de Perrot (2019, p. 84), que destaca: "[...] as mulheres fizeram a base de contrapoder e de uma sociabilidade. A piedade, a devoção, era, para elas, um dever, mas também compensação e prazer". Esta citação sublinha o papel central das mulheres na criação de redes de apoio e resistência. Para as Irmãs Batistinas, a devoção não era apenas uma obrigação espiritual, mas também uma fonte de realização e satisfação pessoal. Elas criaram espaços de sociabilidade e protagonizaram ações que desafiaram as estruturas sociais dominantes de sua época.

Portanto, as histórias das Batistinas são um convite à reflexão sobre as mulheres e a importância de preservar suas memórias. Suas trajetórias são um legado de coragem, resiliência e devoção, que continua a inspirar e iluminar o caminho de muitas.

No livro "A História Oral: Reflexões sobre o Método e o Relato", uma questão essencial se apresenta: para que serve a História Oral? Segundo Ferreira (2006, p. 30), seu propósito é a construção da história. Então, serve para ajudar a contar a história, por isso, exige uma prudência considerável, a fim de adaptar adequadamente o método ao objeto de estudo. O uso de fontes orais requer sensibilidade, respeito e atenção às narrativas individuais, que enriquecem a compreensão dos fatos. Como os trechos dos relatos abaixo que exemplificam a dinâmica e a subjetividade das narrativas:

"[...] A Susan ficou aqui, não sei quantos anos, porque foi na época que eu estava vindo para cá. Quando cheguei, ela já estava com as coisas mexendo, já estava preparando para sair, sabe?" (P1)

"[...] Trabalhou quando tinha escolinha, e a escola, na verdade, tinha até a quarta série." (P1)

"[...] Depois, ela resolveu de uma hora para outra. Pronto, saiu, foi para a família dela. Não sei se foi para São José do Rio Preto, sabe?" (P1)

Esses excertos mostram como as memórias, mesmo fragmentadas, são carregadas de detalhes significativos. Elas refletem experiências pessoais e coletivas que, quando analisadas com cuidado podem revelar aspectos importantes da história social, cultural e emocional dos indivíduos e comunidades. Assim, a História Oral se apresenta como uma ferramenta

indispensável para valorizar as vozes e as perspectivas de quem viveu os acontecimentos, com isso, permite uma análise mais humanizada e inclusiva da construção do conhecimento histórico.

A história das irmãs Batistinas, assim como a história de muitas mulheres, também passou por um período de silêncio, mesmo dentro da própria congregação. Esse silêncio, muitas vezes invisibilizado, faz parte do processo de compreensão das vivências e lutas das mulheres ao longo do tempo, e é um ponto crucial para a construção da narrativa que este estudo se propõe a revelar. Conforme propõe Perrot (2012, p. 141):

A história das mulheres tem sua cronologia nem sempre fácil de estabelecer. Na verdade, é um ponto que causa embaraços. Em todo caso, tem seus acontecimentos próprios, diferentes muitas vezes da história política, e mais da ordem do cultural, do religioso, do jurídico, do biológico, do técnico também.

Considerando que as irmãs Batistinas atuaram no cenário educacional como docentes, é relevante destacar que temas e objetos relacionados à História da Educação têm ganhado destaque no âmbito acadêmico, especialmente no que diz respeito à trajetória e à história de vida de mulheres professoras.

Desse modo, estudos com esse foco permitem não apenas levantar dados sobre aspectos significativos da história da educação, mas também desvelar informações relacionadas aos contextos culturais, políticos, econômicos e sociais em que essas educadoras estiveram inseridas. Tais análises ampliam o entendimento sobre as múltiplas dimensões que influenciaram suas práticas e contribuições

De acordo com Zimmermann e Medeiros (2004, p. 36) na construção de trajetórias é fundamental observar que:

[...] o principal perigo está em tornar o personagem autômato em um espaço que já se encontra formatado. Acredita o autor que seria mais proveitoso deixar se guiar pelo indivíduo estudado: ‘suas experiências, suas relações sociais, suas interpretações de mundo, os espaços de sociabilidade por onde circulava e como estes podem lhe ter influenciado, as leituras realizadas e sua reelaboração pessoal, os códigos de moralidade da época e suas interpretações/manipulações próprias, etc’.

Sendo assim, este trabalho representa uma importante contribuição para o campo da pesquisa, especialmente devido às novas perspectivas de estudo adotadas nos últimos anos por essa área do conhecimento. Os estudos biográficos têm desempenhado um papel significativo em investigações que abordam experiências, trazendo à tona aspectos subjetivos e contextuais que enriquecem a análise.

Nesse contexto, utilizou-se a noção de experiência desenvolvida por Joan Scott (1999), que a interpreta como um evento linguístico, ou seja, como a construção histórica de um sujeito. Essa perspectiva permitiu compreender como as vivências individuais são moldadas e representadas no discurso, destacando as relações entre linguagem, poder e identidade no processo de formação das experiências:

[...] quando a experiência é considerada como a origem do conhecimento, a visão do sujeito individual (a pessoa que teve a experiência ou o/a historiador/a que a relata torna-se o alicerce da evidência sobre o qual se ergue a explicação). Questões acerca da natureza construída da experiência, acerca de como os sujeitos são, desde o início, construídos de maneiras diferentes, acerca de como a visão de um sujeito é estruturada - acerca da linguagem (ou discurso) e história - são postas de lado. A evidência da experiência, então, torna-se evidência do fato da diferença, ao invés de uma maneira de explorar como se estabelece a diferença, como ela opera, como e de que forma ela constitui sujeitos que veem e agem no mundo (SCOTT, 1999, p. 4).

Sobre a chegada das irmãs Batistinas, já existem algumas narrativas que destacam a importância desse momento para a comunidade local. De acordo com Ferreira (2020, p. 15), "A chegada das irmãs na cidade de Aparecida do Taboado foi marcada por grande movimentação. Elas foram recebidas por autoridades, por muitas pessoas e crianças, e acolhidas com uma chuva de pétalas de rosa". Esse relato evidencia o impacto e o simbolismo que a presença das irmãs Batistinas teve na cidade, representando não apenas um marco religioso, mas também social e cultural para a comunidade. A recepção calorosa reflete o reconhecimento da importância de sua missão e do trabalho que desempenharam no município.

1.1 Batistinas na comunidade

As freiras Batistinas chegaram à cidade de Aparecida do Taboado no ano de 1963, vindas da cidade de Belo Horizonte (MG) a convite do coronel João Alves Lara. Enquanto pessoa influente na política da cidade, o coronel fez o convite, organizou uma casa para as Batistinas se abrigarem e se constituiu num dos benfeitores que contribuiu financeiramente com a estadia delas no local.

Nessa cidade, elas abriram a primeira escola, que se chamava "Cônego Afonso Maria Fusco" e funcionou onde hoje fica o atual cartório da cidade. As primeiras a chegarem foram Madre Agostina D'Amico, Maria Rosária, Maria das Dores Barbosa, Artemísia Borges e a neo

professa⁶ irmã Valéria Guimarães. Essas foram as cinco primeiras freiras a conhecer a nova casa, em seguida, vieram mais mulheres para contribuir com o trabalho educativo e religioso.

A trajetória das irmãs Batistinas, portanto, se construiu com adaptações e mudanças que marcaram suas vidas religiosa e educacional. Esse processo pode ser observado na Figura 3, que apresenta mulheres Batistinas realizando um batizado, o qual simboliza a continuidade de suas tradições e a vivência comunitária da fé. Essa e outras imagens aqui apresentadas permitem inter cruzar aspectos desse percurso das freiras. Sobre esse aspecto, Vidal (2025, p. 3) reforça:

Quanto a análise iconográfica, ressalta que deve o historiador fazer dialogar com o documento fotográfico com as demais fontes disponíveis sobre o período, rompendo o caráter fragmentário da fotografia e facilitando o estudo do conteúdo das imagens, bem como concorrendo para fixar datas e locais de produção dos objetos em análise.

No processo de diálogo com as diferentes fontes foi possível aproximar das jornadas dessas mulheres ao longo de suas vivências em diferentes casas e espaços e configurar ou perceber uma evolução nas mudanças e adaptações pelas quais elas passaram.

Figura 3. Mulheres Batistinas realizando batizado.



Fonte: Fotografia do álbum pessoal da irmã Sílvia Couto (2024).

Na imagem, é possível perceber a presença das mulheres no ambiente religioso durante o momento do batizado. Esse gesto, um dos sacramentos para a tradição cristã, reflete a atuação dessas mulheres ocupando lugares em posições de destaque dentro da hierarquia religiosa.

⁶ “Neo professa” se refere a algo recente ou novo em uma ordem religiosa, assim como de pessoas que fizeram votos religiosos.

Além da dedicação espiritual, as Batistinas, também desempenhavam um papel ativo nas atividades religiosas da comunidade em que estavam inseridas.

A ação das irmãs Batistinas ao realizarem um batizado demonstra esse trabalho do serviço religioso que elas desempenhavam, ao longo de sua formação, atuando como agentes em uma cultura religiosa. O trabalho das irmãs não se limitava às funções litúrgicas, como o batizado, mas também envolvia uma série de outras atividades relevantes para a coesão da comunidade religiosa.

Elas desempenhavam um trabalho no apoio pastoral, na educação religiosa, com a promoção de ações que ultrapassavam os muros da igreja e se estendiam à vida cotidiana das pessoas. As irmãs Batistinas estavam envolvidas em diversas frentes de trabalho, como a educação de crianças e jovens, o atendimento a pessoas em situações vulneráveis e a promoção de valores cristãos por meio de atividades de ações sociais.

A participação das irmãs nas atividades comunitárias, portanto, era ampla e impactava vários aspectos da vida religiosa e social da região. Ao realizarem um batizado, essas mulheres não apenas confirmavam um rito religioso, mas também reforçavam essa cultura dentro da igreja. Essa atuação, durante toda a vida, reflete uma formação dentro de um espaço que já vem sendo moldado.

Essas mulheres também atuavam na área da saúde, como é possível observar na imagem da Figura 4, foto que faz parte do álbum pessoal das irmãs, com anotações feitas por Irmã Ide e Irmã Sílvia Couto, que mostra a presença das irmãs em frente ao hospital, fato que certamente poder ser contado como sendo prova do trabalho das religiosas no Hospital Municipal Nossa Senhora Aparecida, localizado na cidade de Aparecida do Taboado, no estado de Mato Grosso do Sul (MS).

Na fotografia, as irmãs estão posicionadas em frente ao hospital, um local que simboliza que também atuavam nesse espaço de cuidado, constituindo-se numa importante contribuição para aquele município. O cenário captura um momento de grande simbolismo e demonstra mais um dos espaços onde as irmãs Batistinas atuaram ao cuidar de pessoas doentes.

Figura 4. Irmãs Batistinas em frente a um hospital.



Fonte: Foto de álbum pessoal das irmãs Batistinas (2024).

Essas mulheres atuavam na área da saúde, exercendo trabalho nesse hospital, que, na época, era o único da cidade. Desempenhavam funções como enfermeiras, dando assistência religiosa, além de envolver o apoio aos pacientes e familiares. Elas zelavam pela dignidade humana e promoção de um ambiente acolhedor e solidário, bem como desempenhavam esse trabalho como uma rede de apoio que envolvia cuidados médicos, psicológicos e emocionais.

O envolvimento das irmãs nesse contexto reafirma o papel das religiosas em áreas vitais da sociedade, como a saúde, onde sua atuação na evangelização e no cuidado ultrapassava as fronteiras da igreja e alcançava os hospitais e outras instituições de assistência. Essa realidade suscita uma reflexão sobre a presença das mulheres na construção da sociedade.

Esta pesquisa delimitou o recorte temporal para ter início no ano de 1963 porque esse foi o ano da chegada das Batistinas em Aparecida do Taboado e naquele período muitas crianças foram escolarizadas pelas irmãs Batistinas, que também atuavam como professoras. As irmãs não apenas transmitiam conhecimentos, mas atuavam nas primeiras aprendizagens escolares das crianças, assim contribuíram significativamente para o desenvolvimento educacional da cidade. Sem dúvida, as irmãs fizeram um percurso que deixou uma forte impressão não só na formação educacional, mas também na formação humana das crianças que foram escolarizadas por elas. Sua dedicação ao ensino e ao cuidado foi essencial para o crescimento integral dos alunos que, conseqüentemente, tiveram suas vidas impactadas positivamente.

Embora o colégio tenha se transformado em uma instituição voltada para projetos sociais, as irmãs Batistinas continuaram a viver na cidade de Aparecida do Taboado (MS), mantendo seu compromisso com a comunidade. Mesmo com a mudança de foco para ações sociais, as contribuições das irmãs ainda são percebidas no campo educacional. A instituição

realiza até hoje diversas atividades educacionais, como oficinas que buscam proporcionar novas oportunidades de aprendizagem para as crianças e jovens da região.

Inicialmente, a instituição recebeu o nome de Instituto Cônego Afonso Maria Fusco e funcionou de 1963 a 1973, conforme descrito no início deste estudo. No entanto, de 1993 até o presente passou a ser denominado Instituto Promocional Dom Afonso Maria Fusco, assim reflete a evolução de suas atividades e sua adaptação às novas necessidades da comunidade. O legado das irmãs Batistinas persiste, seja nas atividades educacionais seja nas ações sociais, garantindo que o impacto de seu trabalho continue a beneficiar gerações.

As memórias evidenciam como as redes familiares, especialmente em ambientes rurais, desempenharam um papel fundamental na educação e formação dessas mulheres ao conectarem suas experiências pessoais a um contexto de superação de desafios e busca por conhecimento. Em um ambiente onde o acesso à educação formal era limitado, as famílias atuavam como pilares essenciais, proporcionando não apenas o apoio emocional e material, como também criavam um espaço de aprendizagem e crescimento.

Um exemplo marcante dessa atuação pode ser observado no relato de uma das freiras, que compartilha sobre o trabalho contínuo que realiza até hoje: “[...] levar a comunhão, levar o padre, ver a família, com a assistente social, ver se a pessoa podia ser atendida, esse acompanhamento que faço até hoje e continuo fazendo.” (P1). Esse depoimento demonstra o compromisso dessas mulheres com a comunidade, especialmente no contexto da assistência social e religiosa, onde o cuidado e o apoio às famílias são contínuos e essenciais.

Além disso, as freiras também foram significativas na organização social das comunidades em que atuaram e ainda atuam. Como relatado por uma delas: “Então a gente era assim com a organização da sociedade, então passei por este período de acompanhamento todinho.” (P1). Esse acompanhamento, que se estende por várias áreas, inclui desde o apoio psicológico até o acompanhamento social, trabalhando em conjunto com diversas instituições para promover o bem-estar da comunidade.

O relato de outra freira destaca a evolução de sua trajetória: “Depois que terminei o ginásio, fui para ajudar a manter as irmãs, em Itapecerica. A residência hoje ainda está lá.” (P1). Esse percurso reflete o compromisso das irmãs com a continuidade do trabalho social e educacional, além disso, ajuda a criar e sustentar espaços de acolhimento e aprendizado para outras irmãs e membros da comunidade.

Ademais, a busca constante por capacitação também é destacada, como exemplificado na frase: “Fiz alguns cursos: auxiliar de enfermagem, técnico e um de teologia, que me ajudaram a continuar nos encontros que estou, e agora já estou na paróquia.” (P1). Esse esforço

para continuar aprendendo, mesmo após o término da educação formal, mostra como essas mulheres estavam sempre em busca de ferramentas para melhor servir à comunidade, seja na área da saúde, da educação ou da espiritualidade.

Esses relatos são testemunhos do impacto significativo que as irmãs Batistinas tiveram na vida das pessoas ao seu redor, com um trabalho contínuo e dedicado que, ao longo dos anos, continua a beneficiar as gerações presentes e certamente futuras. Suas histórias não apenas representam sua contribuição ao contexto educacional e social, mas demonstram uma cultura que vem sendo seguida.

1.2 Vida escolar e testemunhos

Com uma casa cedida, as irmãs Batistinas iniciaram um trabalho que as levou à conquista de um instituto educacional inicialmente denominado Instituto Cônego Afonso Maria Fusco que, posteriormente, passou a ser chamado de Colégio Cônego Afonso Maria Fusco.

Figura 5. Irmãs Batistinas e estudantes na fachada do Instituto Cônego Afonso Maria Fusco.



Fonte: Foto cedida pela irmã Sílvia Couto do álbum pessoal das irmãs Batistinas (2014).

Esta fotografia da Figura 5 registra um momento significativo na história de Aparecida do Taboado (MT): a inauguração da primeira escola da cidade, fundada pelas irmãs Batistinas e mostra um grupo de crianças e religiosas em frente ao prédio. Observa-se muitos alunos cuja separação por gênero, na fileira (meninos e meninas organizados), indica normas rígidas e disciplinares, que eram comuns na educação religiosa da época.

A fotografia é uma imagem posada, o que indica a importância dada ao momento e ao seu registro. A presença das freiras reforça a hierarquia da escola e o papel das ordens religiosas

na educação formal de crianças naquela época. Essa imagem como fonte histórica, pode ser usada para estudar a atuação da Igreja na educação, as condições escolares de determinado período e até mesmo aspectos da infância e da vida comunitária. Sobre a mensagem que uma fotografia pode transmitir, Vidal (2025, p. 4) afirma:

Partindo dos conceitos de cultura e ideologia, Ana Maria Mauad Andrade (1990) analisa historicamente a mensagem fotográfica como um fenômeno de produção de sentido, como um "fruto do trabalho humano de produção significativa" em associação a convenção social que a institui como código. Sua análise, portanto, recorre aos aportes teóricos da Semiótica, da Antropologia e da Sociologia. Reconhece a fotografia como um código de linguagem não verbal, produto de programas sociais de comportamento e componente do quadro cultural de uma sociedade.

Além disso, essa foto contribui para contextualizar essa trajetória dessas mulheres, sua formação e o processo de preparação delas como educadoras, ajudando na compreensão da influência de instituições como essa no desenvolvimento social e educacional. A missão das irmãs era ampla e desafiadora, estavam iniciando suas carreiras num momento em que a cidade e região eram levadas ao crescimento mais acelerado da economia desenvolvimentista. Assim sendo formar letrados e servir a população com serviços gratuitos era parte dessa missão católica.

Se o momento era de desenvolvimento, as freiras estavam empenhadas em oferecer educação de qualidade à população, especialmente para as crianças da cidade, em um período em que a oferta educacional era limitada, ou seja, era um ensino privado, mais dirigido aos filhos da elite local e regional. Assim sendo, a fundação da escola foi um passo importante para atender essa demanda e fazer a diferença na vida dessas famílias e seus legados políticos e econômicos. Naquele momento, a intenção das irmãs era expandir suas apostoladas, ou seja, ampliar o alcance de suas atividades religiosas e sociais, e, para isso, elas aceitaram o convite de João Alves Lara e sua esposa Isaura Alves Lara, ambos moradores da cidade, para abrir a escola.

O convite de João e Isaura Alves Lara não foi apenas um gesto de amizade, mas foi uma ação voltada para imprimir o desenvolvimento da cidade e região. A criação da escola teve um impacto profundo, pois promoveu o crescimento educacional da região e marcou o início de uma trajetória de comprometimento das irmãs com o bem-estar da comunidade. A escola não era apenas um espaço de ensino, mas um local de formação humana, onde as crianças podiam aprender valores religiosos que as guiariam ao longo de suas vidas.

Além desse empreendimento, suas trajetórias enquanto mulheres religiosas são marcadas pelo contexto de uma sociedade patriarcal alinhada à política daquela época, cujas

ações representavam também o processo de submissão hierárquica e suas habilidades serviriam aos propósitos da igreja católica. O estudo revela como esses percursos foram construídos em meio a dificuldades, porém mostra a coragem e a determinação dessas mulheres, que deixaram um grande legado para a educação local.

Em entrevista, a ex-aluna Ronilse Lopes Parreira Furkim descreve seu primeiro dia naquela escola como sendo um momento de grande impacto e emoção. Ela compartilha: “Eu tinha cinco anos quando fui para a escola, sem minha mãe fazer a matrícula. Eu e minha prima Mara combinamos de ir e fomos sem nada.” (P3). Esse relato ilustra a espontaneidade e a ousadia de crianças que, mesmo sem o suporte direto dos pais, buscavam educação e novas experiências. O início escolar de Ronilse reflete o espírito de adaptação e de superação, muito comum naquela época, quando os recursos eram limitados e a educação nem sempre estava acessível a todos.

Ela continua sua narrativa, descrevendo a recepção na escola: “Quando chegamos, colocaram a gente em uma sala junto com os outros alunos para depois conversar com nossas mães.” (P3). Esse momento mostra como, inicialmente, a escola acolhia as crianças sem formalidades, buscando integrar os novos alunos à rotina escolar. A interação entre as famílias e a escola nesse período inicial também destaca o papel da comunidade no processo educacional, promovendo um vínculo entre os pais e as instituições.

Por fim, Ronilse descreve o momento em que finalmente foi matriculada: “Para daí então fazer a matrícula e a gente ir para o pré, que era a sala da irmã Maria Ângela.” (P3). Esse relato não só dá uma visão do processo de matrícula da época como destaca a importância das irmãs Batistinas na educação local, sendo responsáveis pela administração da escola e pelo acompanhamento direto das crianças. Este relato de Ronilse é um exemplo de como as experiências educacionais, muitas vezes marcadas por desafios, contribuem para a construção da história pessoal e coletiva de uma cidade.

Assim, a inauguração da primeira escola privada em Aparecida do Taboado, pelas irmãs Batistinas, não foi apenas um marco educacional foi também um símbolo de dedicação e de fé, que expressa o compromisso das religiosas com a transformação social e o bem-estar de toda a comunidade. A fotografia (Figura 5), que eterniza esse momento histórico, rememora a importância do trabalho dessas mulheres que, ao longo dos anos, continuaram a desempenhar um papel central na educação e na formação moral de crianças e jovens da cidade.

Essas freiras chegaram à cidade com uma missão desafiadora e ao mesmo tempo inspiradora: fundar a primeira escola privada em Aparecida do Taboado. O início dessa jornada foi marcado pela realização das primeiras matrículas, que contou com a adesão de um número

significativo de alunos, o que demonstrou a receptividade e a necessidade da comunidade por educação de qualidade. A chegada das irmãs não só representou o início de uma instituição educacional como a introdução de novos valores e perspectivas na cidade.

Dessa forma, as trajetórias dessas mulheres foram sendo moldadas pelas experiências e desafios vividos desde o momento de sua chegada, em 1963, quando desembarcaram de balsa na cidade. A decisão de se deslocarem de um lugar familiar para um território desconhecido foi uma demonstração de coragem e fé, características que acompanharam suas ações ao longo de toda sua missão. A adaptação a esse novo espaço envolveu dificuldades, entretanto, houve muitas descobertas especialmente relacionadas à realidade social e educacional da região.

Uma das irmãs, Sílvia, compartilhou um pouco dessa trajetória em uma carta, oferecendo um olhar pessoal e íntimo sobre seus primeiros dias na cidade, a chegada e o acolhimento que receberam da comunidade. Nos relatos de Sílvia, é possível perceber a força e a determinação que marcaram seu caminho, bem como a receptividade calorosa da população local. Seus relatos, agora registrados, começam a se organizar como peças de um quebra-cabeça, com isso, reuniram os diversos aspectos da vivência das irmãs na cidade: o cansaço da jornada, a alegria da chegada e o reconhecimento de que estavam, de fato, iniciando uma missão que mudaria muitas vidas.

Após a chegada, as irmãs se dirigiram a uma fazenda para almoçar com pessoas que as acompanharam na longa jornada. O cansaço era evidente, já que haviam passado três dias de viagem, mas a ansiedade e a expectativa da comunidade local eram mais fortes. Embora as irmãs desejassem descansar após o exaustivo trajeto, a população aguardava com grande entusiasmo para conhecê-las. A recepção foi calorosa e cheia de festa, mostrando a alegria e a esperança da cidade em receber aquelas mulheres dedicadas que chegavam com o objetivo de transformar a realidade educacional e social da região.

O evento de boas-vindas simbolizou o início de um trabalho que, ao longo dos anos, deixou um legado imensurável para a educação de Aparecida do Taboado e, por isso, a história dessas irmãs se entrelaçaria com a história da cidade, criando laços indissolúveis de fé, ensino, solidariedade e memória.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (Thompson, 1992, p.17).

Aos poucos, essa história vai tomando forma, sendo construída e reconstruída a partir das fontes coletadas, que trazem as memórias dessas mulheres e se misturando à história de tantas outras. Diante de suas atuações na Igreja Católica e em outros segmentos da sociedade, elas deixaram e continuam deixando marcas. Assim, ao longo da vida, fazem seus votos e se consolidam como mulheres religiosas em um processo de formação contínua.

A trajetória percorrida pelas irmãs Batistinas revelou o empenho e a dedicação dessas mulheres que, em nome da fé, construíram uma história no município. Elas se empenharam em estabelecer uma vivência com a educação com foco na formação de crianças. A chegada das irmãs ao município foi um marco, não apenas pelo trabalho religioso que realizaram, mas também pela criação de uma escola que seria fundamental para o desenvolvimento educacional da época.

Durante esse período, as irmãs enfrentaram uma série de desafios, tanto logísticos quanto sociais, para oferecer uma educação de qualidade. Muitas delas vieram de diferentes regiões, deixaram para trás suas famílias e sua terra natal para cumprir uma missão de fé e propósito de ensino em um local desconhecido para elas.

Mesmo diante de tantas dificuldades, o trabalho dessas freiras é lembrado com carinho e respeito, tanto pela formação educacional quanto pelo impacto social que causaram, uma vez que proporcionaram a aprendizagem para muitos alunos.

As fontes documentais relacionadas à escola, como livros, materiais pedagógicos usados na época, livros didáticos e outros documentos dos alunos, foram objetos de intensa busca durante a pesquisa sobre a instituição.

No entanto, não foi possível localizar essa documentação completa, o que representa uma dificuldade adicional para quem tenta buscar toda a história dessa escola. Apesar das diversas tentativas de localizar esses documentos, muitos registros permanecem perdidos, o que dificulta a reconstrução exata dos detalhes dessa trajetória.

Durante o tempo em que as irmãs Batistinas moraram na cidade, elas se organizavam para desenvolver atividades voltadas ao bem-estar da comunidade. Além de se dedicarem ao ensino, promoveram ações solidárias, como a entrega de cestas básicas a famílias carentes, o que repercutia seu compromisso com a assistência social, ordenada pela igreja.

Paralelamente, também estavam à frente de festas e eventos ligados à igreja, realizados em conjunto com a escola, o que fortaleceu os laços comunitários promovendo a integração entre a educação e a fé. Essas iniciativas não só contribuíam para o fortalecimento da educação na cidade bem como para a construção de uma comunidade voltada para a religião.

Perrot (2019, p. 15) afirma que:

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança.

O trabalho das irmãs Batistinas em Aparecida do Taboado vai além do ensino formal, pois elas se dedicaram a criar uma rede de apoio que buscava atender às necessidades de diversas famílias e garantir um ambiente pautado nas ordens religiosas.

Para compilar fontes documentais para esta pesquisa, foram feitas várias viagens às cidades de Aparecida do Taboado e de Belo Horizonte, além da exploração de todos os locais indicados e possíveis de encontrar fontes e registros, como bibliotecas, casas de famílias locais e até mesmo idas à prefeitura da cidade.

Nessa busca, só foi possível encontrar pequenos vestígios dessa história de fé e de renúncia das irmãs Batistinas que trabalharam e viveram na região.

Uma fonte aqui, outra ali e, aos poucos, foi possível juntar fragmentos importantes sobre a história do Instituto Cônego Afonso Maria Fusco, fundado por essas irmãs Batistinas. Embora limitados, esses vestígios permitiram que se escrevesse, ao menos parcialmente, essa história tão importante para a educação em Aparecida do Taboado.

A escrita da história depende das fontes, esses pequenos achados contribuíram para que esta pesquisa possa ajudar a manter viva a memória dessas mulheres enquanto freiras e professoras que desempenharam um papel relevante para a formação em educação daquele município.

Por meio dessas memórias e relatos percebe-se a colaboração delas para a formação educacional e social da cidade, o que ficou como um legado que perdura até os dias de hoje, mesmo diante da escassez de documentos, por meio da história oral sabe-se que essa história continua na memória do povo aparecidense.

A Figura 6 pode ser considerado um documento que confirma tal legado:

Figura 6. Certificado de Conclusão de Curso no ano de 1971.



Fonte: Cedida pela Dona Iraídes, ex-aluna da escola das Batistinas (2024).

Este certificado pertence a uma ex-aluna do colégio e é uma fonte que surgiu ao longo da pesquisa, reforçando a presença das irmãs Batistinas na área educacional do município de Aparecida do Taboado (MS). Este documento é um certificado de conclusão do curso primário emitido pelo Instituto Cônego Afonso Maria Fusco, localizado em Aparecida do Taboado, Estado de Mato Grosso, datado de 5 de dezembro de 1971.

O certificado do Instituto Cônego Afonso Maria Fusco ratifica o sistema educacional brasileiro dos anos 1970, destacando o papel das escolas religiosas na formação das crianças, especialmente em cidades menores, além da estrutura e da importância do ensino primário naquele período, pois emitia um diploma para a conclusão do curso primário.

A avaliação dessas fontes tem o propósito de contextualizar a pesquisa, uma vez que esse documento era considerado importante naquela época.

Em relação à presença de freiras na administração do colégio, observa-se que pode indicar a forte influência da Igreja Católica na educação brasileira, principalmente até a década de 1980. Escolas católicas frequentemente incentivaram a educação feminina, embora com um viés voltado para a formação moral e religiosa, pois preparava as meninas para funções sociais tradicionais da época, como o casamento e a vida familiar ou seguir o caminho da fé.

O certificado do Instituto Cônego Afonso Maria Fusco é uma mostra do sistema educacional do Brasil nos anos 1970, pois apresenta as seguintes características: a) O papel das escolas religiosas na formação de crianças, especialmente em cidades menores, determinando a estrutura e a importância do ensino primário no período; b) O acesso de meninas à educação formal, em um contexto em que o papel feminino ainda era bastante restrito.

Sendo assim, não é apenas um certificado escolar, mas uma fonte que ajuda a compreender o papel pioneiro dessas freiras na educação. Essas evidências, que vão desde documentos até relatos pessoais, ajudam a traçar um panorama detalhado do impacto dessas mulheres no setor educacional local.

Elas não só ensinaram, mas formaram cidadãos, criando um legado educacional que atravessa gerações. O trabalho dessas mulheres foi fundamental para o desenvolvimento da educação no município, sendo o ponto de partida para muitas histórias de aprendizado.

O processo de construção da identidade das freiras Batistinas foi marcado por suas diversas atuações na escola e na comunidade. Elas deixaram sua marca nas salas de aula e em documentos importantes, cujas assinaturas e escritos refletem seu compromisso e dedicação para com o ensino.

Esses registros são testemunhos vivos de como essas mulheres se formaram e se transformaram ao longo do tempo. Demonstram o que elas fizeram, como superaram os desafios da época e se adaptaram às mudanças no cenário educacional e social, e foram seguindo uma construção silenciosa de vida, mesmo com o passar dos anos. Como ressalta Michelle Perrot (2019, p. 17), "Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão de silêncio: o silêncio das fontes."

As irmãs Batistinas, com seu trabalho, desempenharam um papel fundamental, por meio de suas ações elas impactaram diretamente a vida das famílias de Aparecida do Taboado, visto que ofereceram apoio e cuidado para aqueles que mais precisavam.

Além de ser professoras, elas eram líderes comunitárias, assim, organizavam eventos, promoviam a solidariedade e criavam espaços de convivência e aprendizado. Seu trabalho foi uma fonte de referência e inspiração para toda a comunidade, sendo lembradas até hoje como exemplos de dedicação e compromisso.

Sua trajetória revela a fé dessas mulheres que, com perseverança, conseguiram não só escrever uma história, mas reescrever o destino de muitas pessoas. Elas não se limitaram às dificuldades impostas pela época, ao contrário, enfrentaram os desafios com coragem e determinação, conquistando a admiração de todos ao seu redor.

A história das irmãs Batistinas é, portanto, uma história de transformação da mulher em nome da fé, por isso, é tão importante ser lembrada e contada para ficar na história.

De acordo com Helenice Aparecida Bastos Rocha (2009), as formas de produzir e receber imagens refletem as relações do sujeito contemporâneo com o mundo, sendo historicamente condicionadas pelas peculiaridades dos tempos sociais.

A ideia de que a profusão de imagens expande os sentidos e a percepção humana está alinhada à visão integrada, que argumenta que as imagens técnicas são relevantes no processo.

Essas relações influenciam diretamente as interpretações e os usos das imagens, demonstrando a importância do contexto histórico na maneira como elas são produzidas e compreendidas.

As imagens deixadas pelas irmãs Batistinas formam um legado que permanece como uma fonte de inspiração, não só para a educação, mas para toda a vida comunitária de Aparecida do Taboado. Essas mulheres deixaram uma marca na transformação social e educacional do município, pois contribuíram para que Aparecida do Taboado fosse, e ainda seja, um lugar melhor para viver e aprender.

O impacto de seu trabalho é visível em cada pessoa que passou por suas mãos, em cada aluno que teve a oportunidade de estudar, bem como nas inúmeras famílias que se beneficiaram de suas ações sociais. O trabalho delas representa não só a educação, mas uma educação para a vida.

As mulheres constituem uma clientela importante, quando não majoritária, das diversas comunidades religiosas existentes em nosso país. Neste sentido, o espaço religioso pode ser encarado como feminino, por mais que cada religião pense e trate as relações entre os gêneros de maneira muito particular, sem se falar do fato de que a esfera religiosa varie em qualidade segundo cada sociedade (Moraes, 1985, p. 36).

Assim, as imagens a seguir suscitam reflexões sobre o trabalho realizado por essas mulheres religiosas, que deixaram contribuições em diferentes setores sociais em nome da fé, mesmo sendo uma época, como mencionado, em que as mulheres eram ensinadas para cuidar do lar, dos filhos e do marido.

A seguir, a fotografia apresentada na Figura 7 capta um momento importante, pois permite perceber os costumes da época, como vestimentas, cenários e interações sociais de diferentes épocas no contexto social, a imagem retrata um grupo de quatro pessoas – uma freira, uma aluna, um homem (pai) e uma mulher (mãe) posando diante de bandeiras, em um evento de formatura.

Figura 7. Cerimônia de formatura.



Fonte: Foto cedida pela irmã Sílvia Couto do álbum pessoal das Batistinas (2024).

A imagem acima, na Figura 7, indica que se trata de uma instituição ligada à Igreja Católica, pela presença da freira, o que mostra a forte influência religiosa na educação em certas regiões e períodos históricos.

Ao analisar o estilo das roupas e penteados, nota-se que pertencem ao período entre as décadas de 1950 e 1970, as fotografias vêm contextualizar o período em que essa pesquisa está inserida no tempo, ou seja, a criança usa um vestido branco com saia rodada, meia-calça e sapatilhas, trajes que eram usados como uniformes em uma ocasião formal, como uma formatura escolar ou uma cerimônia religiosa.

O homem veste um terno e gravata, o que sugere a importância da ocasião. A mulher usa um vestido modesto e carrega uma bolsa que é condizente com os padrões femininos daquela época. No cenário, a presença das bandeiras reforça o conceito de seriedade da cerimônia, além do patriotismo vivido naquele momento.

Esses rituais têm todo um significado para essa criança, sua família e professoras, uma cerimônia de formatura escolar, onde a criança celebra a conclusão de uma etapa educacional, que naquela época não era tão comum, nem tão fácil de se atingir. A imagem ilustra uma simbologia da união entre a educação e os valores religiosos que marcaram o processo educacional na época.

Durante aquele período, as cerimônias eram realizadas com todo um cerimonial e ritual, no qual tanto os formandos quanto seus pais seguiam certos protocolos, como a missa de primeira comunhão, que era celebrada para as crianças do Quarto Ano Primário. Naquele tempo, a igreja desempenhava um papel fundamental na educação e havia uma forte integração

entre os ensinamentos religiosos e acadêmicos, proporcionando uma formação holística para as crianças. O momento da formatura, portanto, não se limitava apenas à conclusão de um ciclo escolar, mas também representava a culminância de um processo que envolvia o crescimento espiritual e moral dos alunos. Os valores transmitidos pela escola e pela igreja, o olhar atento e a postura concentrada da criança revelam a importância daquele momento e a presença da família demonstrava o compromisso dos pais na formação dos filhos.

Além disso, essa fotografia remete a uma época em que os rituais de passagem eram encarados com grande respeito e reverência e a formatura escolar não era apenas uma celebração acadêmica, era também um momento de reafirmação da fé e dos valores. O evento simbolizava a construção do caráter das crianças e o fortalecimento de sua identidade enquanto membros de uma comunidade religiosa e educacional, que, juntos, formavam a base de sua formação integral.

Para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores em face do desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência, no passado e no futuro, de época excepcionalmente felizes ou catastróficas e, por vezes, inseriram essas épocas originais ou derradeiras numa série de idades, segundo uma certa ordem (Le Goff, 2013, p. 263).

Portanto, a imagem não apenas documenta um momento de sucesso, mas também convida a refletir sobre a importância de integrar a educação e a religião no processo de crescimento das crianças e como esses elementos continuam a moldar suas vidas e identidades ao longo do tempo. Toda essa representação fazia parte do contexto vivido naquela época.

A figura 8 apresenta uma fotografia da aluna no dia de sua formatura do Quarto Ano:

Figura 8. Cerimônia de formatura.



Fonte: Foto cedida pela irmã Sílvia do Álbum das Batistas (2024).

Observa-se ao fundo da fotografia novamente as bandeiras do Brasil e de Mato Grosso, que eram símbolos que reforçavam a identidade nacional, mas também conectavam a educação local com os valores cívicos e culturais da comunidade e validavam o momento político que o país enfrentava. Esse registro vai além de ser apenas uma lembrança de uma cerimônia de formatura, ele carrega consigo a memória de um marco importante na vida escolar de muitas crianças da cidade.

Ao longo da pesquisa, foram levantados dados sobre o trabalho realizado por essas freiras, dados esses que estão descritos em diários e folhetins. Durante esse período, uma série de recordações foi sendo revelada, especialmente relacionadas a eventos organizados pela escola, festas comemorativas, formaturas que mostram o papel ativo das irmãs na vida educacional e social da cidade.

As fotografias da época, além de serem registros visuais, revelam as trilhas percorridas por essas mulheres e pelo grande número de alunos de Aparecida do Taboado que tiveram suas vidas moldadas por essa Instituição.

Esses momentos imortalizados nas imagens documentam eventos acadêmicos e destacam as diversas ações de apoio comunitário promovidas pela escola. As irmãs Batistinas estiveram presentes em todos esses momentos, organizando e promovendo atividades que uniam a escola à comunidade, criando um ambiente de aprendizado que ia além dos muros da sala de aula. A integração da educação com o contexto social local foi uma das marcas de seu trabalho, refletindo o compromisso das irmãs com a formação integral das crianças.

A figura 9 representa a fotografia de um desses momentos especiais: as apresentações que aconteciam durante as festas escolares.

Figura 9. Crianças que participavam da banda escolar.



Fonte: cedida por Sílvia Couto, álbum pessoal das irmãs Batistinas (2024).

Essas celebrações eram eventos marcantes, com apresentações culturais e uma das atrações mais aguardadas era a famosa bandinha, da qual muitos alunos sonhavam participar.

As bandinhas escolares eram um dos momentos mais esperados do calendário escolar, elas uniam alunos, professores e famílias em um clima de celebração e confraternização. Esses momentos criavam uma sensação de pertencimento e orgulho entre todos os envolvidos. Essas apresentações não eram apenas uma oportunidade de diversão, mas também de aprendizado e representações de uma época. Elas permitiam que as crianças desenvolvessem habilidades de disciplina, trabalho em equipe e dedicação.

Para muitos alunos, a participação na bandinha não era só uma atividade extracurricular, mas uma verdadeira conquista, um símbolo de esforço coletivo e talento. Mais do que isso, as festas escolares se tornaram momentos de estreitamento dos laços entre a escola e a comunidade porque proporcionavam um ambiente de apoio mútuo, respeito e entusiasmo pela educação.

As imagens e os relatos de eventos como esses nos ajudam a compreender o papel fundamental que essas mulheres tiveram na formação de uma sociedade, tanto no aspecto educacional como no desenvolvimento social da cidade. A história da educação no município foi, sem dúvida, marcada por momentos de representações do coletivo. Nesse contexto, as irmãs Batistinas desempenharam um papel central com sua dedicação e trabalho, sendo peças-chave na construção de um legado educacional.

Ao longo dessa trajetória, as irmãs Batistinas formaram inúmeras pessoas como docentes no cotidiano escolar. Mesmo diante das dificuldades enfrentadas nesse percurso, seguiram até fechar o colégio por dificuldades financeiras.

Por meio das entrevistas foi possível observar as mudanças que foram surgindo em seus modos de vida ao longo do tempo. Em suas narrativas dá para identificar aspectos que foram mudando na atuação da Igreja Católica em relação à evangelização após o Concílio Vaticano II nos anos de 1960. De acordo com uma das freiras entrevistadas, denominada P1:

É naqueles tempos, né que você viu falar de Vaticano II, né? Pois é, foi a reforma que a igreja teve muito assim, muito profunda, porque a missa, quer dizer, eu era muito pequenininha cinco anos, assim, eu ia com meu pai e com a minha mãe e ficava lá, assim e eu prestava atenção em tudo o padre ficava virado para o altar, né. (P1)
Você não lembra? Ele celebrava de costas, virado assim. Depois que veio autorização, com os estudos que eles fizeram, muito antes, uns quinze anos antes, os papas com seus assessores, o papa a gente fala o papa e seus assessores, esse papa na época já faleceu, então mudou, quando assim muitas coisas foram modificadas, muitas coisas. (P1)

De acordo com a entrevistada que foi denominada como P2, a participação na Eucaristia continuava a mesma em relação à celebração, as mesmas palavras e os mesmos gestos, mas

com a mudança de posição do padre que agora volta-se para a comunidade. Também observou a passagem do latim para o português: “[...] não falava em português, então muitas coisas faziam parte da liturgia da igreja, a igreja, as igrejas já abriram mais as portas e se tivessem ficado no tempo.”

Sobre o seu processo de letramento a entrevistada conta que:

Eu me lembro do meu tio José Pedro, um velhinho, muito velhinho, mas ele foi quem me ensinou as primeiras letras. Ele usava a cartilha, e eu não me lembro exatamente como ele fazia, mas fiquei aquele ano aprendendo com ele. Era tudo muito simples, mas ele me ajudou a dar os primeiros passos na leitura e na escrita. Depois, numa segunda etapa, meu irmão, que era três anos mais novo do que eu, acabou me alcançando nos estudos. Nós dois fomos fazer o segundo ano juntos. Ficamos assim por um tempo, aprendendo juntos e ajudando um ao outro. (P2)

A entrevistada continuou descrevendo com detalhes a dinâmica das salas de aula na época da formação e sua jornada educacional:

[.....] As salas eram multi-idade, com alunos de diferentes séries estudando juntos. Tinha gente do primeiro ano, do terceiro, do quarto... tudo no mesmo espaço, lá na Vila Costina. Não era fácil, sabe? Era preciso muita atenção para conseguir acompanhar, porque o professor tinha que dividir seu tempo entre alunos de diferentes níveis. Depois de terminar a terceira série, fui para Formiga fazer a quarta. Formiga era mais longe e isso significou ficar longe da minha casa, mas foi uma experiência muito boa. Minhas tias estavam lá fazendo o curso normal e elas me ajudaram bastante. Elas se formaram normalistas e eu terminei a quarta série naquele mesmo ano. Foi muito especial para mim, porque aprendi muito, seguindo as regras e o ritmo das aulas. Aprendi coisas que me marcaram para sempre e essa base foi importante para a minha vida. (P2)

Esses relatos oferecem um olhar sobre a formação inicial das freiras e sobre o contexto educacional da época, especialmente nas regiões do interior do Brasil durante os anos 1960. A narrativa expõe a simplicidade das condições de ensino, como as salas multisseriadas, onde alunos de diferentes idades e níveis de aprendizado dividiam o mesmo espaço. Essas condições desafiadoras eram, ao mesmo tempo, oportunidades de convivência e troca de saberes entre as diferentes faixas etárias.

Além disso, a importância das famílias como os primeiros educadores aparece de forma clara, com figuras como o tio José Pedro desempenhando um papel fundamental no aprendizado inicial. A decisão de buscar a educação em cidades maiores, como Formiga, revela o valor dado ao ensino pelas famílias e o esforço em superar as limitações locais.

Essas vivências moldaram a formação acadêmica dessas mulheres e influenciaram sua atuação posterior como educadoras e cuidadoras em comunidades locais. Essa trajetória reflete

a relação intrínseca entre educação, fé e assistência social, pilares que sustentaram o trabalho dessas freiras ao longo de suas vidas.

Com base nos dados levantados, buscou-se explorar percursos reveladores, ou seja, aspectos que se interrelacionam e que permitem a compreensão do contexto histórico vivenciado por essas freiras. Desse modo, a investigação procurou compreender como suas histórias de vida foram construídas, considerando as especificidades de suas trajetórias individuais e os desdobramentos coletivos de suas ações.

Por meio desse estudo, buscou-se conhecer as histórias das participantes da pesquisa e, assim, destacar suas contribuições e os desafios enfrentados, além do impacto de suas ações nas comunidades onde atuaram.

Ademais, ao revisitar suas experiências, percebe-se que essas mulheres desempenharam papéis que transcendem o contexto religioso. Elas propagavam a fé, também eram educadoras, cuidadoras e agentes de transformação social em seus respectivos meios. Por meio de suas histórias, emerge um quadro mais amplo da relação entre religião, educação e assistência social, que são aspectos que se interligam de maneira marcante em suas trajetórias. Um dos relatos exemplifica bem esse percurso:

[.....] Depois, com 18, 19 anos, eu fui para a congregação lá em Itapeperica. É uma cidade onde nós ainda temos presença até hoje. Fiquei lá e fiz meu segundo grau. Passei o tempo todo como estudante, como candidata. Depois, fui para Belo Horizonte, onde aconteceu a preparação para a vida religiosa. (P1)

Esse depoimento reflete o longo e dedicado processo de formação dessas mulheres, que envolvia a educação formal, o desenvolvimento espiritual e a adaptação à vida comunitária. Desde a infância, suas vidas eram moldadas por uma conexão com a religiosidade, muitas vezes acompanhadas por padres e mediadas pela comunidade religiosa. Esse processo formativo era contínuo e integrava práticas cotidianas com ensinamentos teológicos, preparando-as para os diversos papéis que assumiram em suas missões.

A formação dessas religiosas ia além da academia e da teologia porque era uma formação moral, social e comunitária. Essa combinação de conhecimentos e vivências servia como a base para a vida religiosa que “ESCOLHERAM”. O aprendizado adquirido ao longo de sua formação contribuiu para que elas fossem capazes de desempenhar um papel significativo em suas comunidades, seja como educadoras ou como líderes religiosas e sociais.

Conforme argumenta Bock (1989), contar a história dessas mulheres é reconhecer as especificidades de suas trajetórias e o impacto delas no contexto da sociedade. Essas histórias refletem não só os desafios enfrentados, bem como o quanto a educação e a fé se tornaram

ferramentas para a coerção. A vida religiosa, nesse sentido, é vista como um caminho para promover mudanças significativas, tanto em suas próprias vidas quanto na vida das comunidades às quais serviam, sem questionar.

Esses relatos direcionam à reflexão sobre a relevância histórica e social de mulheres, que, mesmo em tempos de adversidade, foram agentes de mudança em suas realidades. Não eram apenas figuras da igreja, mas também pilares de apoio em suas comunidades, promovendo educação, assistência social e espiritualidade. Por intermédio de suas histórias, emergiu uma narrativa que permitiu entender a relação entre fé, educação e transformação social no contexto histórico em que viveram.

Por outras palavras, não era somente as mulheres na história, mas antes a história das mulheres, a experiência das mulheres na e da história de uma história embora não sendo independente da história dos homens, é apesar de tudo uma história específica das mulheres enquanto mulheres (Bock, 1989, p. 04).

A contribuição das irmãs Batistinas, no entanto, transcende os limites da sala de aula. Durante o período em que viveram na cidade, elas se integraram à vida da comunidade, participando de reuniões políticas, aniversários, celebrações religiosas e outros eventos locais.

Um exemplo notável de seu envolvimento foi a atuação nos casamentos da comunidade, especialmente na ausência de padres para conduzir essas cerimônias. As irmãs assumiram essa responsabilidade, garantindo que os enlances matrimoniais pudessem ser celebrados, fortalecendo os laços da fé e da tradição.

O cuidado ia além de ações pontuais, sendo sustentado por um compromisso constante com o bem-estar da população. Como afirmam os relatos: "Participar na igreja, participação dos corais, batismos, visitar os doentes... até hoje eu acompanho. (...) no trabalho... fui assim, no trabalho me ajudou muito. Até hoje faço quase tudo aquilo que fazia antes" (P1). Essas palavras revelam a extensão do impacto das Batistinas na comunidade.

O compromisso dessas mulheres com Aparecida do Taboado transcende o tempo, deixando marcas no desenvolvimento social, cultural e humano da cidade. A missão que iniciaram permanece viva, inspirando novas gerações a valorizar e perpetuar o cuidado com o próximo e a busca pela igualdade e o fortalecimento da fé como base para o progresso coletivo.

Uma das atividades desenvolvidas refere-se à docência, devido às suas atuações em colégio fundado por elas mesmas. No contexto da docência, focalizando as narrativas de irmãs Batistinas que atuaram como professoras, considera-se importante conhecer suas atuações, levando, a saber, mais informações sobre seus perfis e suas experiências subjetivas, as quais apontam para "[...] um índice referencial de um universo, de uma estrutura social e de uma

cultura, ou seja, um conjunto coerente de normas e experiências” (Zimmermann; Medeiros, 2004, p. 34). Nessas trajetórias observa-se pelas fontes, o conjunto de eventos que fundamentaram as suas vidas em relação a acontecimentos, durações e geopolítica.

Outrossim, Pierre Bourdieu (2006) observa que para escrever uma trajetória deve-se previamente construir “[...] os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis” (Bourdieu, 2006, p. 190).

O curso de uma vida para mulheres e homens é gendrado. Geralmente, a trajetória de vida de uma mulher apresenta-se diferente da do homem, bem como as mulheres têm outras percepções de trajetórias de vida das que os homens têm sobre suas vidas.

A história das mulheres também não mudou muito o lugar ou a "condição" destas mulheres. No entanto, permite compreendê-las melhor. Ela contribui para sua consciência de si mesmas, da qual é certamente ainda apenas um sinal: Nos países em vias de desenvolvimento, onde as mulheres começam a ter acesso ao 'reconhecimento individual, e o acompanhamento frequente de um processo identitário, às vezes contrariado de que somos as espectadoras cúmplices ansiosas e solidárias (Perrot, 2005, p. 14).

Desse modo, as narrativas dessas freiras são moldadas por experiências específicas do feminino, como as tarefas do cuidado bem como da educação. Embora a narrativa masculina apareça neste jornal da Figura 10, eram elas que buscavam nos fios da memória aspectos da história social do município.

Ainda durante o período imperial, há registros consistentes da atuação das congregações e ordens católicas no campo da educação, que foram pertinentes na formação e no desenvolvimento social ao longo dos séculos. Essas instituições, movidas pela fé e por um propósito com a sociedade, ofereciam instrução acadêmica e promoviam valores morais e espirituais a fim de moldar a sociedade.

A imagem da construção do colégio revela um pouco desse envolvimento, ilustrando momentos. Esses registros visuais tornam-se testemunhos da importância da presença das irmãs Batistinas, que não só moldaram o sistema educacional local como atuaram em outros ambientes sociais.

Neste jornal da Figura 10, pode ser observada notícia sobre o ensino na cidade de Aparecida do Taboado, sobre um grupo escolar, que foi construído por um particular e doado para o município. Também noticia o Instituto Cônego Afonso Maria Fusco, citando sua importância para a comunidade.

Figura 10. Jornal do vigésimo aniversário de emancipação de Aparecida do Taboado.



Fonte: cedida pela Dona Iraides (2024).

Ainda no contexto histórico das freiras na educação, é preciso lembrar dos seus ensinamentos por meio de cânticos. Eles se tornaram uma marca da experiência educacional oferecida pelas irmãs, deixando memórias duradouras naqueles que participaram desse sistema de ensino.

Além disso, os cânticos que eram entoados durante as missas e incorporados na dinâmica escolar tinham um papel significativo. Esses cânticos, muitas vezes impregnados de ensinamentos religiosos e mensagens de esperança, não apenas enriqueciam as celebrações litúrgicas, como também promoviam um ambiente educativo imbuído de fé e espiritualidade.

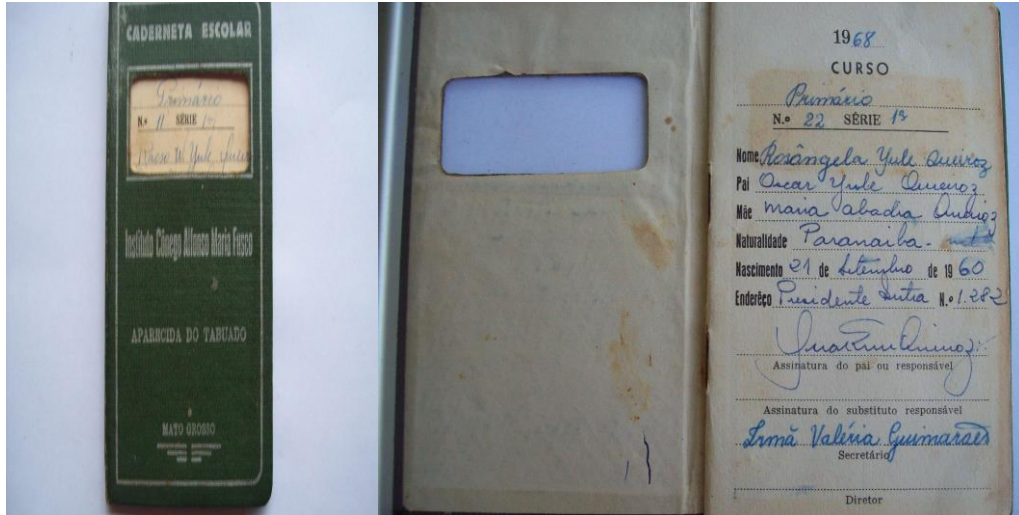
A Figura 11 apresenta uma Caderneta Escolar do Instituto Cônego Afonso Maria Fusco, um documento cedido à pesquisa pela senhora Maria Abadia, mãe de uma ex-aluna das irmãs Batistinas.

Essa caderneta, utilizada para registrar a frequência dos estudantes, constitui uma fonte primária valiosa para compreender o cotidiano escolar da época, assim, reflete as práticas administrativas e pedagógicas adotadas pela instituição.

Além de seu valor documental, a caderneta possibilita uma observação a respeito das estruturas educacionais, sociais e familiares do Brasil dos anos 1960, período em que o país vivia transformações no campo da educação e da organização social.

A estrutura da caderneta revela aspectos significativos da sociedade patriarcal vigente na época. O formulário padrão incluía campos específicos para o nome do pai e da mãe, mas primeiro a filiação paterna.

Figura 11. Caderneta Escolar do Instituto Cônego Afonso Maria Fusco.



Fonte: Foto cedida pela senhora Maria Abadia (2024).

No Brasil da década de 1960, a figura paterna ainda era priorizada nos documentos, com isso, há o reforço do seu papel enquanto principal responsável legal pelos filhos. Além disso, informações como endereço e naturalidade da estudante indicam que a aluna era natural de Paranaíba (MT), cidade que, naquele período, pertencia ao estado de Mato Grosso.

Outro aspecto relevante desse documento é a materialidade da caderneta, que reflete tanto as condições de produção gráfica quanto a organização educacional da época. A escrita manual em determinados campos aponta para a ausência de digitalização e de um padrão gráfico mais sofisticado, evidencia a importância da caligrafia cursiva no ambiente escolar. O suporte físico do documento, aparentemente feito de papel simples, indica as limitações de recursos educacionais em um país ainda em desenvolvimento. O recorte presente na capa, possivelmente destinado à inserção de uma fotografia, demonstra a preocupação com a identificação. Nota-se também a assinatura da irmã Valéria, consolidando suas atividades nessa escola em todos os âmbitos.

Esta caderneta estudantil permite compreender não apenas as práticas educacionais e administrativas adotadas pela instituição, mas também o papel desempenhado pelas irmãs Batistinas na formação escolar e social da comunidade. Entre os anos de 1963 e 1973, essas

religiosas estiveram à frente da educação infantil em Aparecida do Taboado, oferecendo uma formação pautada em valores morais, éticos, espirituais e cívicos alinhados à doutrina católica.

O primeiro colégio fundado por elas tornou-se um marco na cidade, consolidando-se como referência educacional e influenciando a formação de diversas gerações.

O encerramento das atividades da Instituição representou o fim de uma fase importante na história educacional local. As discussões que antecederam seu fechamento mostram o impacto que a escola teve na comunidade e no processo de formação integral. A presença das irmãs Batistinas na educação de Aparecida do Taboado demonstrou como instituições religiosas foram relevantes na estruturação da educação formal em muitas cidades brasileiras, especialmente em regiões onde o acesso à escolarização era limitado. Dessa forma, a caderneta escolar não é apenas um documento administrativo, mas um testemunho da dinâmica educacional e social da época, que possibilitou a reflexão sobre as influências da Igreja Católica na formação escolar e nos valores transmitidos às gerações daquele período.

No próximo capítulo apresenta-se aspectos mais específicos da jornada das Batistinas, de deslocamentos no mundo, no Brasil e sua chegada a Aparecida do Taboado.

2 JORNADA DAS MULHERES BATISTINAS

Para compreender as trajetórias históricas das mulheres Batistinas, especialmente como professoras em uma cidade que naquela época ainda contava com poucas escolas para atender a população, foi necessário trilhar um longo caminho de pesquisa e leituras cruzadas sobre aspectos de sua história global.

As irmãs Batistinas são freiras pertencentes à Congregação de São João Batista, que é uma ordem católica dedicada ao serviço comunitário e à educação, inspirada pela figura de São João Batista. Os apontamentos obtidos por esta pesquisa vão desde sua presença em vários lugares, em 1963, ano em que o primeiro grupo de freiras deixou a cidade de Belo Horizonte (MG) rumo a Aparecida do Tabuado (MT), com o propósito de trabalhar pelos ideais católicos de servir e evangelizar.

2.1 A chegada das Batistinas no Brasil

A história das irmãs Batistinas no Brasil teve início com a chegada de cinco mulheres italianas, em pleno contexto da Segunda Guerra Mundial. Em 1943, as irmãs Felice D'Amato, Agostina D'Amico, Ludovica Pancoto, Eufrosina Ciofani e Scolástica La Fratta chegaram ao município de Itapecerica, localizado na região centro-oeste do estado de Minas Gerais. A cidade, rodeada por montanhas e marcada por sua rica herança cultural e artística, recebeu as religiosas com muito acolhimento e expectativa, em tempos de dificuldades econômicas e políticas.

Essas mulheres deixaram seu país e seguiram as ordens de sua superiora Madre Felícia D' Amato servindo e atuando na educação e nos cuidados dos mais necessitados quando iniciaram um trabalho que se estenderia por várias décadas e marcaria a história suas mulheres.

Sua chegada representou o início de uma jornada que seria a serviço de uma transformação na região, principalmente por meio da atuação em áreas sociais, articulando entre trabalhos prestados à sociedade e à igreja ao longo dos anos (<https://www.batistinas.org.br/>).

A imagem apresentada na Figura 12 refere-se à década em que as freiras Batistinas vieram para o Brasil, na segunda metade do século XIX e início do século XX. No contexto religioso, o hábito usado pelas freiras demonstra uma época em que o uso do véu longo e da cruz suspensa no pescoço fazem parte da vida monástica.

Figura 12. Batistinas que vieram para o Brasil no século XIX.



Fonte: <https://www.batistinas.org.br/institucional/historia-da-congregacao>

Com as reformas do Concílio Vaticano II (1962-1965), muitas ordens religiosas modernizaram seus hábitos e reduziram o uso de vestimentas formais como as vistas na imagem da Figura 12. Isso faz com que fotografias como estas sejam representações de um período anterior à modernização da Igreja Católica, por isso, é tão importante contextualizar esse período.

A fotografia apresentada nessa imagem, provavelmente tirada no final do século XIX ou início do século XX, reflete o estilo de retratos formais da época, com tons sóbrios e foco no rosto da figura religiosa. A cobertura completa da cabeça até o pescoço é típica das ordens religiosas católicas. No período citado, a atuação de mulheres na Igreja Católica era frequentemente direcionada para a caridade e a educação.

Atualmente, no Brasil, existem cerca de 80 irmãs Batistinas, distribuídas em cinco estados: Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Distrito Federal. A chegada das irmãs Batistinas ao país ocorreu por volta de 1939 e, desde então, essas mulheres têm desempenhado um papel fundamental na construção da história religiosa no Brasil (<https://www.batistinas.org.br/>).

A Congregação das Irmãs Batistinas foi fundada pelo Padre Afonso Maria Fusco no dia 26 de setembro de 1878, na pequena cidade de Angri, no sul da Itália. A Cofundadora do grupo,

Maddalena Caputo, ao lado do Padre Fusco, enfrentou inúmeras dificuldades para implementar sua missão que envolvia o cuidado de crianças abandonadas.

Durante sua juventude, Maddalena Caputo (1848-1903) ainda jovem se preocupava com as crianças pobres e órfãs. Ao encontrar o Padre Fusco, que também desejava colocar em prática essa obra de caridade, aceitou seu convite para iniciar o trabalho de cuidado com as crianças.

A partir dessa parceria, foram dados os primeiros passos de uma missão que se consolidou e se expandiu, deixando um legado significativo de dedicação e serviço à comunidade.

A fotografia histórica apresentada na Figura 13 retrata Madre Crucifixa Caputo, cujo nome de batismo era Madalena Caputo, que viveu entre 1848 e 1903. Ela foi uma pessoa religiosa importante, conhecida por ser cofundadora da Congregação das Irmãs de São João Batista, também denominada como Batistina (MEDEIROS, 2000, p. 21).

Figura 13. Imagem da Madre Crucifixa Caputo.



Fonte: <https://www.batistinas.org.br/>

Maddalena Caputo foi uma figura fundamental na constituição da história das Irmãs Batistinas, sendo reconhecida pelo seu trabalho, especialmente pela formação das primeiras mulheres freiras que integraram esse grupo de religiosas.

Como forma de memorar suas trajetórias foi feita uma comemoração dos 84 anos das irmãs Batistinas no Brasil em 2023, conforme Figura 14.

Figura 14. Comemoração dos 84 anos das irmãs Batistas no Brasil.



Fonte: <https://www.batistas.org.br/institucional/historia-dacongregacao>.

É importante destacar em suas histórias que, ao optarem pela vida religiosa, essas mulheres assumem três votos que norteiam sua jornada espiritual e pessoal ao longo de suas vidas. O primeiro voto, a obediência, implica a submissão à autoridade dos superiores dentro da congregação religiosa, assim, respeitam uma rígida hierarquia e se dedicam de maneira plena à missão da Igreja. Esse compromisso vai além da simples aceitação das ordens, pois ele exige uma vida de devoção e uma entrega constante aos valores e práticas da tradição eclesiástica.

A obediência é vista como uma forma de humildade, na qual as religiosas se colocam a serviço de uma causa maior, sem questionamentos, buscando sempre a vontade de Deus por meio de seus superiores.

O segundo voto, a castidade, envolve a renúncia à formação de uma família tradicional e à paternidade ou maternidade, que, para muitas mulheres, representa um grande sacrifício pessoal. Ao escolherem a castidade, essas mulheres optam por dedicar sua vida ao serviço de Deus e da comunidade religiosa, sem a responsabilidade de cuidar de filhos ou construir um lar no sentido convencional. Esse voto implica um compromisso com a pureza de coração e de corpo, como um meio de aprofundar o relacionamento espiritual com Deus e com os outros, sem as distrações que a vida familiar pode trazer.

O terceiro voto, a pobreza, exige a abdicação do apego a bens materiais e à busca por posses. As mulheres que fazem esse voto se comprometem a viver de forma simples, sem

acumular riquezas ou bens, por isso, buscam sempre a humildade e a solidariedade com os mais necessitados. A pobreza não significa apenas a renúncia ao luxo, mas também a disposição para viver com o essencial, muitas vezes, necessitam depender da comunidade religiosa para suprir suas necessidades básicas.

Esses três votos – obediência, castidade e pobreza⁷ – não são apenas compromissos formais, mas representam um modo de vida que exige uma transformação interior. As mulheres religiosas que escolhem seguir esse caminho abraçam um estilo de vida desafiador, porém gratificante, onde a fé, o serviço à comunidade e o amor a Deus se tornam os pilares de sua existência. O voto de obediência liga-as à autoridade da Igreja e da congregação, o voto de castidade as direciona para uma vida de devoção exclusiva a Deus e ao próximo, e o voto de pobreza ensina-as a viver com humildade e generosidade, colocando as necessidades dos outros acima de suas próprias.

Ao longo de suas trajetórias, essas mulheres se sustentam mutuamente, apoiadas pela força dos votos que fizeram ao escolher a vida religiosa. Esses compromissos, que envolvem a obediência, a castidade e a pobreza, conduzem-nas a uma renúncia constante de suas vontades e desejos pessoais, conseqüentemente, exigem delas uma entrega total à vocação que escolheram. A obediência, em particular, direciona-as a seguir fielmente as imposições hierárquicas da Igreja, onde o dever para com a instituição e seus superiores é prioritário, muitas vezes, em detrimento de suas próprias aspirações.

Dessa forma, o caminho escolhido exige uma dedicação plena à Igreja, onde suas escolhas individuais são frequentemente sacrificadas em nome de uma missão maior, voltada ao serviço e à devoção religiosa. O apoio mútuo entre essas mulheres fortalece sua jornada, assim, criam uma rede de solidariedade que as ajuda a enfrentar os desafios e as renúncias impostas pela vida religiosa.

O mapa apresentado na Figura 15 ilustra os diversos locais ao redor do mundo onde as irmãs Batistinas estão presentes, com destaque para suas contribuições em áreas educacionais e sociais. A atuação dessas religiosas não se restringe apenas ao Brasil, mas se expande para diversas partes do mundo, refletindo seu compromisso com os valores de solidariedade, educação e transformação social. Em muitos desses locais, as irmãs Batistinas têm desempenhado funções em escolas, centros de assistência social e outras iniciativas que visam a melhorar a qualidade de vida das comunidades em que atuam.

⁷ Essas informações são confirmadas na entrevista com P1.

Figura 15. Irmãs Batistinas no mundo.



Fonte: <https://www.batistinas.org.br/institucional/historia-da-congregacao>. Acesso em: 09 set. 2023.

A Congregação das Irmãs Batistinas, fora do Brasil, é composta por cerca de 850 (oitocentas e cinquenta) freiras, provenientes de diversos países ao redor do mundo. Essas religiosas são relevantes em vários países, uma vez que mantêm sua missão de serviço e dedicação ao próximo. Seu trabalho é especialmente voltado para o atendimento à educação de crianças, além de se envolverem em uma gama de obras sociais que buscam promover o bem-estar das comunidades em que atuam.

Por meio de suas ações, elas contribuem para o fortalecimento dos laços sociais, a inclusão educacional e o cuidado com as pessoas em situações de vulnerabilidade, sempre com o compromisso, com a caridade e a fé. Segundo uma das entrevistadas, o deslocamento é parte da trajetória dessas freiras:

[...] Agora ultimamente foi o ano passado final duas foram para o Chile, ficaram lá um período bom, sabe, adaptando fazendo trabalho lá também (P1).

[...] uns oito anos atrás a dez vinham também, sabe, passar um período no Brasil até ficou um tempo aqui não era época que eu estava aqui não sabe (P1).

[...] então tem esse tipo assim agora ultimamente assim como é muito usada nas atividades das casas e as irmãs não são muitas, então se torna mais difícil né (P1).

[...] não pode mandar, tipo assim, manda daqui para Itália, sem ter uma preparação até então (P1).

As irmãs Batistinas formam um grupo de mulheres cuja vocação as impulsiona a se deslocar para diversas partes do mundo, como se pode observar na fala acima (P1), uma prática de idas e vindas nas casas religiosas, que ainda hoje é mantida. Esse movimento é claramente perceptível nas narrativas emergentes das entrevistas realizadas, que revelam experiências

marcadas por adaptação e aprendizado em diferentes culturas e contextos. Mais do que deslocamentos físicos, essas trajetórias refletem um compromisso contínuo com a disseminação da fé e da educação, pilares fundamentais que orientam e dão sentido à sua missão.

Estabelecidas em diversas regiões, elas compartilham suas experiências e histórias de vida, sempre imersas na fé católica que as orienta. Seus votos como a obediência, a castidade e a pobreza, se traduzem em práticas cotidianas que orientam sua atuação e guiam suas ações. Nos espaços educacionais em que estão inseridas, as irmãs Batistinas buscam transmitir os valores cristãos, não apenas por meio do ensino formal, mas também ao proporcionar um ambiente que reflete esses princípios.

Elas constroem, assim, uma educação cristã que segue de forma inquestionável, visto que transmitem aos seus alunos não apenas conhecimento acadêmico, mas também o compromisso com a moralidade, a solidariedade e a justiça social. Essa dedicação incansável à sua missão, sem dúvida, reflete a seriedade e o compromisso com os quais elas abraçam sua vocação religiosa.

As irmãs Batistinas, assim como muitas outras mulheres, são exemplos notáveis de força, coragem e dedicação. Elas se entregaram ao serviço das comunidades em que viveram e trabalharam, enfrentando desafios imensos que abrangeram tanto a vida religiosa quanto as questões sociais. Elas enfrentaram e ainda enfrentam adversidades que incluem mudanças culturais, dificuldades econômicas e, muitas vezes, o preconceito em um mundo ainda predominantemente masculino.

Apesar dessas contribuições significativas para a sociedade e para a Igreja, as irmãs Batistinas e outras mulheres de sua trajetória têm sido, em grande parte, invisíveis na historiografia tradicional. Suas histórias, transformações, dores, silêncios e conquistas permanecem pouco abordadas nos estudos históricos, o que evidencia uma lacuna nas pesquisas sobre a atuação feminina na história religiosa e social do país.

Este estudo objetivou, portanto, preencher essa lacuna ao contar as narrativas dessas mulheres que, até então, permaneceram à margem da história oficial. Ao trazer essas experiências à tona, buscou-se não apenas reconhecer suas trajetórias de vida, mas também destacar a importância de suas ações na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Perrot (2005, p. 31) acena que a atuação das mulheres ao longo da história é presente, mas ainda é bastante oculta em registros:

Em todo caso, na luta contra as máquinas, as mulheres estão presentes, e duplamente presentes. Como mulheres de Operários, elas desempenham nas agitações seu papel tutelar de donas de casa defendem o nível de vida da família, a qual necessita de 'trabalho e pão'.

Nesse sentido, destacar o trabalho dessas freiras diminui as lacunas em relação à história das mulheres. O trabalho das irmãs Batistinas, assim como de outras mulheres de sua época, contribuiu profundamente para o fortalecimento das comunidades em que atuaram, sendo um reflexo da persistência e da força feminina.

Ao estudar suas histórias, pode-se compreender melhor como essas mulheres enfrentaram obstáculos, quebraram barreiras e, muitas vezes, desafiaram o *status quo*, por consequência, marcaram uma mudança no entendimento sobre a mulher na sociedade e na religião. “[.....] Foi em 1939, 39 porque eu fui direto para Itapeverica a cidade que eu te contei foi onde o bispo chamou, precisava de irmãs lá no hospital, né? Tem até hoje, irmãs continua lá, outras irmãs revezando né porque na época, já até faleceu, mudou para Itália, já morreu” (P1, 2024).

Com relação ao aspecto religioso, uma vez que a pesquisa se direciona às irmãs Batistinas que foram docentes, Furtado (2012, p. 189) observa que “[...] houve relativo reconhecimento da ação católica educacional a partir da instauração do regime republicano no país, idealizada por pensadores liberais”. As diferentes ordens religiosas foram configurando não só a história da educação, mas a do país, pois conforme aponta Roiz (2012, p. 18) “[...] a história do Brasil não deveria, portanto, restringir-se apenas às questões políticas e diplomáticas, que eram obviamente fundamentais, mas devia-se tocar nas questões culturais”.

Historicamente, as mulheres foram marcadas pela invisibilidade, muitas vezes, suas experiências foram marginalizadas nas narrativas oficiais, sendo ofuscadas pelos relatos predominantes que refletiam, sobretudo, as perspectivas masculinas e as estruturas de poder da sociedade.

Como destaca Perrot (2019), essa invisibilidade está intimamente relacionada às experiências particulares das mulheres, as quais foram, ao longo do tempo, moldadas e muitas vezes distorcidas pelas circunstâncias sociais e culturais em que estavam inseridas. O papel das mulheres na história foi frequentemente minimizado, sendo reduzido a aspectos que se alinham às expectativas tradicionais de gênero ou ignorado por completo nas análises históricas.

Essa invisibilidade também está vinculada ao fato de que, em muitas sociedades, as mulheres foram condicionadas a permanecer nos espaços privados, longe do olhar público e das esferas de poder. Sua participação no trabalho, na política, na ciência e até mesmo nas transformações sociais ficou frequentemente oculta, apesar de suas contribuições fundamentais. Como resultado, a história das mulheres foi escrita com lacunas significativas, o que impediu o reconhecimento de suas vozes e trajetórias.

2.2 Existências contemporâneas

A história dessas mulheres religiosas foi construída ao longo do tempo com base nas vivências locais e nas trajetórias marcadas pelos diversos lugares onde residiram. Em diferentes partes do Brasil e do mundo, essas experiências ajudaram a moldar suas trajetórias como pessoas religiosas. As vivências das Batistinas em diferentes espaços revelam um processo contínuo de formação e transformação. Suas histórias, embora permeadas por semelhanças em determinados aspectos, apresentam singularidades motivadas por diversas configurações.

A preparação para se tornarem freiras foi marcada por etapas importantes, desde o discernimento vocacional até as facilidades do chamado religioso. Nesse percurso, destacam-se os votos, rituais e contextos que compuseram as suas jornadas espirituais. Essas histórias, contadas mostram o processo que culmina na consagração como Batistinas, um caminho que une individualidade e comunhão.

A imagem da Figura 16 retrata um momento singular de preparação física, no qual as irmãs participam de atividades que refletem o cuidado com o equilíbrio e o bem-estar. Essa prática demonstra como a espiritualidade e o cuidado com a saúde vem sendo interligados ao cotidiano das Batistinas.

Figura 16. Irmãs Batistinas durante atividades físicas na Casa de Repouso em Belo Horizonte (MG).



Fonte: Álbum pessoal das irmãs Batistinas (2024).

Na cidade de Belo Horizonte, localiza-se uma casa de repouso dedicada às irmãs Batistinas idosas, um espaço de acolhimento para aquelas que dedicaram suas vidas ao serviço da fé e à comunidade. Após anos de trabalho árduo e doação em nome de uma missão religiosa, essas mulheres passam a viver em um ambiente planejado para elas.

A estrutura da casa conta com uma equipe multidisciplinar formada por nutricionistas, fisioterapeutas, geriatras e outros profissionais, que garantem que as necessidades físicas, emocionais e espirituais das irmãs sejam atendidas. Mesmo idosas, muitas irmãs continuam a contribuir, ajudando, por exemplo, na preparação das missas. Esse envolvimento mantém viva suas vocações e reforça os laços de pertencimento à comunidade religiosa.

Essas mulheres que dedicaram sua vida em prol da igreja, agora no fim da vida, são amparadas nessa casa onde algumas mais novas cuidam das outras para um envelhecimento digno e significativo. Mais do que um espaço de descanso, é um lugar onde elas continuam sendo testemunhas vivas de suas vocações, mesmo com as limitações da idade seguem reforçando essa identidade Batistina.

As narrativas de vida dessas irmãs revelam trajetórias marcadas pela fé desde a infância. Desde cedo, suas histórias envolvem a escolarização e a convivência familiar, com uma rotina que frequentemente incluía a participação em atividades religiosas, ao lado dos pais ou outros familiares. Essa imersão na vida e nos valores da igreja começa ainda na infância e se intensifica à medida que as meninas assumem responsabilidades nos trabalhos da comunidade religiosa, sempre em nome da fé.

Desde muito jovens, estabelece-se um vínculo entre essas meninas e a religião. Elas são, como descreve Monsenhor Dupanloup apud Perrot (2005, p. 44) "educadas nos joelhos da Igreja". Para elas, a prática da piedade não é apenas um dever "[...], mas se torna um habitus, uma maneira de ser e viver que permeia todos os aspectos de suas vidas".

Essa formação religiosa inicial molda suas crenças, também suas ações e escolhas futuras, direcionando-as muitas vezes para o serviço na vida religiosa. A conexão precoce com os valores da igreja estabelece uma base sólida de fé e dedicação que perdura ao longo de suas trajetórias, seja na atuação como religiosas, como educadoras ou como agentes sociais em suas comunidades.

A imagem da Figura 17 retrata as irmãs Batistinas reunidas durante um almoço na casa de repouso, um momento que simboliza a união e o acolhimento que caracterizam a vivência comunitária dessas mulheres ao longo de suas trajetórias religiosas. Esse espaço, embora destinado à etapa final de suas vidas, é apenas uma extensão das muitas casas por onde passaram desde sua chegada à Congregação.

Figura 17. Irmãs Batistas na Casa de Repouso em Belo Horizonte (MG), reunidas durante o almoço.



Fonte: Fotografia cedida pela irmã Sílvia Couto (2024).

A transição entre diferentes casas e missões reflete o compromisso com os princípios da vida religiosa. Como apontam suas narrativas, a vida na Congregação é marcada por uma rotina disciplinada e pela vivência dos valores cristãos. De acordo com uma das entrevistadas para esta pesquisa:

[...] A chegada ao convento foi boa, né, porque eu já tinha uma experiência do estudo lá, né, o estudo das congregações. [...] Congregação, estudo, toda aquela vivência que tem que ter, né? Horário e a vivência mesmo dos votos, que, para ser religiosa, tem que fazer os votos, né? (P1)

As palavras ditas pela entrevistada P1 ilustram a aceitação do rigor e a dedicação exigidos na formação das religiosas, que inclui estudos, cumprimento de horários e prática dos votos de pobreza, castidade e obediência. A passagem pelas diferentes casas da Congregação é, portanto, uma etapa, a qual permite que cada irmã contribua com suas habilidades em diversas missões, ao mesmo tempo em que se adapta às novas realidades e necessidades.

No almoço, o ambiente de fraternidade e partilha ressalta a vivência de uma vida comunitária que caracteriza a trajetória das irmãs Batistas. Mesmo na casa de repouso, elas mantêm os vínculos e as práticas que sempre foram parte de sua identidade religiosa, demonstrando que, para elas, a vida em comunidade é uma extensão da missão divina a que se dedicaram.

A trajetória religiosa das irmãs Batistas é marcada por um processo de formação, fundamentado nos votos de obediência, pobreza e castidade. Esses compromissos sagrados

exigem uma preparação extensa e dedicada, como explicado em seus relatos:

Os três votos que fazemos — obediência, pobreza e castidade — são fundamentais. É necessário se preparar, estudar, e passar por um período de formação que, na minha época, era de quatro a cinco anos. Hoje, esse período foi ampliado para cerca de seis anos, atendendo às exigências da Igreja, que incluem um tempo de formação em conjunto com outras congregações. (P1)

Essa preparação, além de incluir estudos teológicos e a vivência espiritual, também envolve o aprendizado prático nas diversas casas da Congregação. A experiência adquirida durante essa fase é valiosa, como destacado pela mesma entrevistada:

[...] Quando a gente é enviada para as casas, já vai com uma certa experiência do trabalho. Eu, por exemplo, não tive dificuldades. Passei um período em uma casa, depois era necessário ir para outra, conforme as necessidades indicadas pela coordenadora da época. (P1)

A vida dessas mulheres Batistas é pautada pela adaptação às demandas da missão, pois buscavam servir onde fosse necessário. Esse sistema de movimentação entre casas proporcionava experiência, pois renunciavam às suas próprias vontades para atuar em diferentes contextos e desafios. Essa determinação somada à dedicação, aos votos e à formação moldavam a identidade e a resiliência das irmãs em sua caminhada religiosa.

As Batistas vivem em constante movimento, uma característica intrínseca à sua missão religiosa. A coordenação desse trabalho é realizada por uma irmã responsável, que organiza as transferências de acordo com as necessidades de cada casa e da comunidade local. Essa dinâmica, essencial para a continuidade das atividades pastorais e sociais, reflete-se nas narrativas das próprias religiosas, que relatam como essas mudanças são encaradas com espírito de obediência e dedicação.

No processo de formação e fortalecimento dessas mulheres, a celebração da Profissão de Votos Perpétuos se destaca como um marco importante. Esse momento, que simboliza o compromisso definitivo com a vida religiosa, é celebrado com solenidade e representa o auge de um longo caminho de preparação espiritual, emocional e comunitária.

Entre os momentos significativos da vida dessas mulheres estão os encontros e convenções entre elas de diferentes partes do mundo. Esses eventos fortalecem os laços da Congregação e proporcionam uma troca de experiências, saberes e vivências. São ocasiões de renovação espiritual e reforço da missão comum, marcadas por celebrações, palestras e momentos de convivência.

Na imagem da Figura 18, observa-se uma dessas convenções onde as irmãs Batistinas, reunidas, registram esse momento de reencontro. O local exala espiritualidade, características que revelam essa trajetória de vida religiosa dessas freiras. Entre diálogos e reflexões, as imagens compartilham histórias de suas trajetórias e retratam os desafios de diferentes visões.

Figura 18. Convenção que reuniu várias Batistinas de diversas localidades.



Fonte: Imagem extraída da página das irmãs Batistinas. Disponível em: <https://www.batistinas.org.br/>

Esses encontros são mais do que reuniões administrativas, são momentos de celebração da fé, da sororidade e do propósito coletivo da missão das irmãs e reafirmam seu compromisso de religioso.

Na sequência, a imagem da Figura 19 captura um momento especial na vida da Congregação das Irmãs Batistinas: a recepção calorosa de uma irmã italiana em visita ao Brasil. Esse encontro simboliza mais do que um reencontro entre religiosas porque é uma celebração da fraternidade e do espírito missionário que une as Batistinas em todos os lugares do mundo.

A chegada de uma irmã vinda da Itália, berço da Congregação, traz um sentido profundo de continuidade histórica e renovação espiritual. Na ocasião, as irmãs reunidas demonstravam alegria e gratidão pela oportunidade de compartilhar experiências, fortalecer os laços comunitários e reafirmar os princípios que guiavam suas vidas religiosas.

O ambiente, decorado com simplicidade e beleza, reflete a essência das Batistinas: humildade e acolhimento. Durante a recepção, há momentos de oração, cânticos e discursos que celebram a união entre culturas e a missão comum de servir.

Gestos de carinho e palavras de reconhecimento marcam o encontro, destacando a importância do trabalho em conjunto, independentemente das fronteiras geográficas.

Esses momentos fortalecem não apenas as relações pessoais, mas também a visão global da Congregação que continua a expandir sua presença e missão em diferentes partes do mundo.

A imagem da Figura 19 é um testemunho do espírito de sororidade e fé que guia as Irmãs Batistas, mantendo viva a herança de serviço deixada por seus fundadores.

Figura 19. Irmãs Batistas durante recepção de irmã italiana.



Fonte: Imagem extraída da página das irmãs Batistas.

De acordo com informações disponíveis na página oficial das Irmãs Batistas, página eletrônica <https://www.batistas.org.br/>, atualmente o grupo conta com membros em dezenove países, distribuídos por cinco continentes. Esses países incluem Itália, Estados Unidos, Brasil, Zâmbia, Chile, Índia, Canadá, Polônia, México, Malawi, África do Sul, Filipinas, Coreia do Sul, Madagascar, Moldávia, Camarões e Austrália.

Esses dados refletem a amplitude e a relevância do trabalho realizado por essas mulheres, cuja dedicação à religião e ao serviço ao próximo tem sido expandida para diversas partes do mundo, alcançando aqueles que mais necessitam de ajuda e apoio.

Na Figura 20, dispostas, elas demonstram a força de sua união e o compromisso com a missão da congregação. Da esquerda para a direita estão: 1ª. Irmã Divina, 2ª. Irmã Silvia, 3ª. Irmã Madre Geral Suor Lina Pantano, 4ª. Irmã Joana D'Arc, 5ª. Irmã Maria Agatha e a 6ª. Irmã Dionísia.

A presença da Madre Geral Irmã Lina Pântano, terceira na sequência da esquerda para a direita, na fotografia da Figura 20, como Madre Superiora, que possui a liderança da

congregação, apoia essas mulheres em suas jornadas espirituais e no trabalho que realizam ao redor do mundo. Sua figura é um símbolo de autoridade para elas.

Figura 20. Irmãs Batistas na Casa Provincial em Belo Horizonte (MG).



Fonte: <https://www.batistinas.org.br/institucional/historia-da-congregacao>.

Cada uma das irmãs retratadas carrega consigo uma história única, frente à missão religiosa. As trajetórias individuais dessas mulheres aqui descritas, no coletivo que atuaram em áreas como educação, assistência social e evangelização demonstram o quanto dedicaram suas vidas em nome da religião. Mais do que apenas um registro de um encontro religioso, a fotografia registra um momento para ficar guardado na história delas.

A postura de cada uma reflete uma longa trajetória que norteia suas ações diárias. Assim, essa imagem não é apenas uma gravação estática, mas um testemunho vivo do compromisso que define a vida e a missão das irmãs.

Para fortalecer os laços históricos da Congregação no Brasil, foi construído em Minas Gerais um importante empreendimento: o Memorial da Congregação das Irmãs Batistas. Este espaço não é apenas uma homenagem ao legado dessas mulheres, mas é um local vivo e dinâmico que narra as histórias delas.

O Memorial é um ambiente projetado para preservar e compartilhar as memórias da Congregação. Exposições, objetos pessoais, documentos históricos e registros fotográficos compostos pelo acervo, permitindo que os visitantes conheçam a trajetória das Batistas desde

sua chegada ao Brasil. Além disso, o Memorial se torna um ponto de encontro para futuros pesquisadores, devotos e toda a comunidade.

A Figura 21 traz a imagem quatro dedicadas religiosas como Irmãs Batistinas encontram abrigo na casa de acolhimento na cidade de Belo Horizonte (MG) . Entre elas estão a 1ª. Irmã Adélia, a 2ª. Irmã Sílvia Couto, a 3ª. Irmã Maria Beatriz e a 4ª. Irmã Maria Dulce. Esse espaço oferece suporte aos religiosos que, após anos de serviços prestados à comunidade e à fé, ganham um ambiente que promove conforto.

Figura 21. Irmã Sílvia Couto com as irmãs Batistinas na casa provincial.



Fonte: <https://www.batistinas.org.br/institucional/historia-da-congregacao>.

Na sequência, a fotografia a seguir, na Figura 22, capturou um momento especial na Casa Provincial das Irmãs Batistinas, em Belo Horizonte (MG), onde religiosas, já idosas, se preparavam para uma apresentação natalina, o que denota o compromisso dessas mulheres que, mesmo em uma idade mais avançada, cumprem com suas obras.

Durante os preparativos, as irmãs ensaiaram canções natalinas sob a orientação de uma professora de canto, demonstrando que o amor pela música e a dedicação às celebrações religiosas permaneceram vivos. O Natal, como uma das datas mais significativas do calendário cristão, é uma oportunidade para as Batistinas renovarem sua fé e compartilharem momentos de comunhão.

Embora seja uma casa de acolhimento, um espaço que oferece cuidado à saúde e conforto, as irmãs continuam a desempenhar um papel ativo nas atividades religiosas e comunitárias. Participam das missas, colaboram na organização de eventos e mantêm uma

presença significativa em encontros de oração e celebrações. Essa integração mostra que, mesmo com a idade avançada, sua vocação permanece forte, como foi construída ao longo dos anos.

A preparação para a apresentação natalina vai além de um simples ensaio musical. É um momento de partilha, em que as irmãs se reúnem para celebrar sua trajetória de fé e serviço, revivendo memórias e fortalecendo os laços. Cada canto entoado carrega a profundidade de suas experiências e a emoção de uma vida toda dedicada a serviço da igreja.

A Casa Provincial, nesse contexto, torna-se não apenas um lar, mas também um centro de convivência e espiritualidade, onde o tempo é marcado por atividades. A apresentação natalina é um símbolo, que mostra que a idade não limita a expressão da devoção, ao contrário, enriquece a vivência religiosa dessas mulheres.

Figura 22. Preparação das irmãs Batistas para apresentação natalina na Casa Provincial em Belo Horizonte (MG)



Fonte: <https://www.batistas.org.br/institucional/historia-da-congregacao>.

A fotografia da figura 22 não é apenas um registro visual, é também um testemunho da essência das Irmãs Batistas: mulheres que, mesmo com a idade, seguem a trajetória mantendo viva a chama de sua missão e contínuo servir a comunidade de fé.

2.2.1 Memórias Vivas: Celebrando 60 Anos das Batistinas em Aparecida do Taboado

Por meio de um convite pessoal para participar de uma celebração dos 60 anos da presença das irmãs na cidade de Aparecida do Taboado (MS), em 2023, esta pesquisadora pôde participar de um evento que transcendeu o simples ato de reunir pessoas. Essa ocasião representou uma oportunidade única de mergulhar em um momento histórico, que apresentou muitas memórias.

A cidade, conhecida por seu legado histórico e sua forte ligação com a Congregação das Irmãs Batistinas, foi o palco de uma celebração que exaltou a importância do trabalho prestado por essas mulheres à educação na construção de uma sociedade mais justa e solidária. Esse evento não apenas remeteu ao passado como celebrou o presente e serviu de inspiração para o futuro, reafirmando os valores cristãos que sustentam a comunidade local.

Figura 23 – Convite para participar da festa de comemoração dos 60 anos da chegada das Batistinas em Aparecida do Taboado (MS).



Fonte: Irmã Silvana responsável pelos trabalhos das irmãs em Aparecida do Taboado (2024).

Receber esse convite foi muito importante para esta pesquisadora porque pôde testemunhar e compartilhar uma ocasião tão significativa. Vivenciar o encontro de diferentes gerações e perspectivas, celebrando a continuidade de uma história construída inspirou e deu fôlego para relatar esse momento. O encontro trouxe lembranças das vivências das freiras na cidade de Aparecida do Taboado (MS) que permanecem vivas até os dias atuais, especialmente

quando se trata das atividades culturais e religiosas promovidas pelas Irmãs Batistinas. Um dos elementos mais marcantes dessas memórias são as músicas e danças que faziam parte do cotidiano da comunidade. Trechos de marchinhas, cuidadosamente preservados em folhetos da igreja e jornais da época, evidenciam a importância da música como uma expressão de fé e alegria, que permearam tanto momentos solenes quanto educacionais.

A música, mais do que uma manifestação artística, era um elo que unia as irmãs, os alunos e toda a comunidade local. Essa prática reflete uma formação de forma lúdica em transformar a rotina em algo educativo e acolhedor, criando um ambiente onde a espiritualidade e a cultura se entrelaçam para fortalecer os laços comunitários. O som das marchinhas, muitas vezes acompanhadas de danças e celebrações, construiu um cenário de memórias passadas, essencial para as memórias que hoje ainda ressoam na história dessas mulheres.

Figura 24. Irmãs Batistinas durante festividades de comemorações de 60 (sessenta) anos de chegada ao município de Aparecida do Taboado e fundação do Instituto Cônego Afonso Maria Fusco.



Nota: Registro fotográfico feito pela autora.

A comemoração dos 60 anos do Instituto Cônego Afonso Maria Fusco, em 2023, foi, portanto, um marco importante em comemoração não apenas ao passado, mas ao legado das Irmãs Batistinas e sua contribuição para a educação e a comunidade de Aparecida do Taboado. A celebração foi marcada por três dias de festividades importantes, que reuniu muitas irmãs Batistinas para comemorar um momento especial e único na história da congregação. Esse evento destacou memórias e vivências das irmãs e simbolizou o impacto de sua missão ao longo das décadas.

Entre os participantes estavam algumas irmãs que, mesmo enfrentando desafios físicos ou de saúde, encontraram forças para viajar e participar das festividades. Embora muitas residam na Casa Provincial em Belo Horizonte (MG), onde recebem cuidados e acolhimento, algumas estiveram presentes, representando a missão e o compromisso que sempre definiram esse trabalho desempenhado por elas. Duas presenças notáveis foram a da Irmã Ide Raposo, reconhecida por sua discrição e preferência por não aparecer em fotografias e a da Irmã Sílvia Couto, que participou das celebrações. Essas irmãs, mesmo em número limitado, carregaram consigo a essência das Batistinas e são as duas Batistinas que foram entrevistadas para este trabalho.

Os três dias de festividades foram repletos de momentos emocionantes, cheios de memórias. Atualmente, o Instituto Cônego Afonso Maria Fusco concentra suas atividades no assistencialismo com o objetivo de atender crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade no município de Aparecida do Taboado (MS). A instituição oferece uma variedade de atividades, como dança, música, teatro, reforço escolar, esportes e outros.

A fotografia da Figura 25 registra um momento da festa de comemoração:

Figura 25. Comemoração dos 60 anos das irmãs Batistinas em Aparecida do Taboado (MS).



Nota: Registro fotográfico feito pela autora.

O Instituto Cônego Afonso Maria Fusco continua com suas atividades cuidando de crianças e adolescentes que necessitam de cuidados. É fundamental compreender essas memórias que permaneceram com o tempo, para isso, o capítulo a seguir traz em conversações como ocorreu esse processo de submissão e atuação enquanto mulheres religiosas nos diferentes campos de ação e como isso revelou seus posicionamentos identitários.

3. NARRATIVAS DE MULHERES FREIRAS: TRANSFORMAÇÃO E IDENTIDADE

As narrativas dessas mulheres revelam mudanças significativas. Vale destacar que as irmãs Batistinas, comprometidas com o cumprimento de seus votos em viver uma vida de reclusão, refletem o legado de sua missão religiosa, que transcende gerações e continuam se transformando, e é esse processo que construiu suas posições identitárias.

De acordo com Stuart Hall (2014, p. 70), “[...] as identidades culturais não é jamais uma essência fixa que se mantenha, imutável, fora da história e da cultura. Nem é dentro de nós, algum espírito transcendental e universal no qual a história não fez marcas fundamentais”. Nesse sentido, pontua-se neste capítulo como as Batistinas foram se identificando como mulheres religiosas e as duas entrevistas a seguir foram importantes para perceber essa construção.

Quadro 5. Participantes da pesquisa.

Participantes	Data de nascimento/idade	Formação	Data da entrevista	Tempo de atuação no Colégio
P1	17/09/1945.	Curso de enfermagem	27/05/2024	2 anos mais ou menos
P2	12/04/1944	Curso normal	28/05/2024	3 anos mais ou menos

Fonte: elaboração da autora.

Cada fase da jornada dessas freiras é marcada por desafios nos quais a construção de sua identidade religiosa, educacional e pessoal se entrelaçam com os valores que elas seguem. Como freiras, elas não apenas seguem os votos de obediência, pobreza e castidade, mas também abraçam uma vida dedicada ao serviço comunitário.

Essas mulheres vivem uma vocação com um zelo profundo e uma responsabilidade que vai além do compromisso com a congregação, pois elas se entregam, de fato, construindo suas identidades e sendo agentes de transformação pessoal. Percebe-se nos relatos uma retórica emocional mediada pela agência feminina delas. Saba Mahmood (2006) sugere pensar a noção de agência humana não como sinônimo de resistência em relações de dominação, mas como

capacidade para uma ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas.

A construção de suas identidades envolve uma interação constante de diversos aspectos de suas vidas. Como religiosas, elas vivem um cotidiano pautado pela disciplina, pela oração e pela convivência em comunidade. A vivência no convento, a experiência em diferentes países e culturas e as interações com as crianças e jovens que educam são relevantes na formação da identidade dessas mulheres. Elas são moldadas ao longo de sua trajetória com desafios pessoais, como os conflitos internos entre a vocação religiosa e os desejos pessoais, mas encontram amparo na fé.

Entender esse processo, portanto, permite não apenas refletir nesse caminho de construção, mas revelar traços do trajeto que foi percorrido e, assim, o quebra cabeça dessas histórias dessas freiras vai se encaixando.

Ao longo da pesquisa, é possível perceber que essas mudanças não são apenas superficiais, mas refletem a busca por uma nova vida dedicada ao serviço religioso. Os desafios de se adaptarem às novas condições de vida, em casas de acolhimento e em diferentes contextos sociais, além de se ajustarem à rotina de oração, trabalho e convivência em comunidade, além disso, a adaptação também envolve uma mudança nas vestimentas.

O uso do hábito, o nome religioso e a mudança de identidade são marcos importantes nesse processo. Para muitas, receber o hábito e adotar um novo nome religioso simboliza a entrega total à missão religiosa. Como se vê nos relatos das irmãs, o nome de batismo é frequentemente substituído por um nome religioso, que passa a refletir a nova identidade de freira. Como é o caso da Irmã Ide Raposo, cujo nome de batismo era Antonieta, mas ao receber o hábito passou a ser chamada de Ide. Da mesma forma, outras irmãs também adotaram novos nomes religiosos, como a Irmã Sílvia Couto.

Esse processo de mudança de nome, de adaptação às casas, de vestimentas, não foi aceito por todas as irmãs, pois em algum momento, tiveram irmãs que pediram permissão, que desejaram retornar ao nome de batismo, o que foi feito após uma solicitação formal enviada à Itália. Essa permissão mostrou a flexibilidade da Congregação em permitir que as irmãs voltassem a usar o nome de batismo, por mais simbólico que fosse para a identidade pessoal, coexistir com a nova religiosa e a escolha de manter ou voltar ao nome original representava uma forma de reconciliação entre a vida anterior e a vida religiosa.

Essas mudanças não foram apenas parte de um processo formal de entrada na vida religiosa, mas também de uma transformação interior. As irmãs passaram a entender e vivenciar sua identidade marcada pelo compromisso de suas escolhas, que eram marcadas pela humildade

e dedicação a serviço do próximo. A adaptação ao novo nome, ao hábito e à vida comunitária foi um passo importante para se tornarem o que escolheram ser: mulheres religiosas. Sendo assim, as narrativas dessas mulheres, seus nomes e suas escolhas são muito mais do que mudanças superficiais. Elas são uma reflexão da transformação que ocorre em seu ser, revelando a construção de uma nova identidade.

A Irmã P1, por exemplo, compartilha com carinho as lembranças de sua infância, destacando as figuras familiares que teve. As memórias de infância marcadas pela convivência com os familiares e o ambiente ao redor são fundamentais para entender como as experiências vividas na primeira infância moldam suas identidades. Essas gravações não apenas formam a base de suas histórias, mas também oferecem pistas para compreender as decisões que tomaram mais tarde em suas vidas, como a vocação para a vida religiosa. O carinho, a educação recebida e as experiências de convivência familiar desempenharam um papel crucial na constituição do caráter dessas mulheres. Nas palavras de Perrot (2005, p. 86):

Na família, as mulheres transmitiam a fé, “religião de minha mãe”, segundo Jean Delumeau. Nas cidades do interior, elas limpavam as igrejas e defendiam o soar dos sinos. De tal forma que elas se tornaram, na sociedade pelo menos na França, um objeto de disputa entre os republicanos e a igreja, estando, em parte, na origem das lutas pela laicidade.

A Irmã P2 gravou com muito carinho a figura de seu tio José Pedro que teve uma grande influência em sua formação. “Na minha infância, eu me lembro do meu tio José Pedro. Ele era um velhinho muito velhinho”, ela compartilha com carinho. “Foi ele quem me ensinou as primeiras letras. A cartilha, não sei bem como, mas aprendi com ele”. Essas memórias de aprendizagem e afeto revelam o papel vital de figuras familiares na educação.

Essas histórias não apenas ajudam a revelar quem são essas mulheres, mas a explicam como o passado familiar e a vivência cotidiana ajudaram a formar suas identidades para que se tornassem as freiras que são hoje. Com todo o contexto que as cercam, elas exemplificam o poder das memórias afetivas e das escolhas feitas ao longo da vida, reforçando a importância desses laços familiares na construção de suas identidades. Ao entender essas histórias, é possível valorizar a trajetória delas e avaliar o impacto de suas escolhas na sua formação.

Ao analisar as narrativas, foi possível perceber um processo contínuo de escolhas e caminhos que se desenham ao longo de suas vidas, que se entrelaçam entre familiares, culturais e espirituais. A decisão vocacional de vida dessas mulheres freiras implica, por exemplo, em escolhas entre o casamento e o servir a igreja.

Outro relato importante é o da mesma irmã, que descreveu como continuava sua jornada acadêmica enquanto se dedicava ao trabalho. “Então, já fiquei quieta no trabalho na padaria, na lanchonete e assim fiz meus estudos primários”, ela comenta. Aqui, percebe-se uma mulher determinada que, mesmo enfrentando desafios financeiros e de tempo, buscava se educar. O ambiente de trabalho, muitas vezes associado à luta pela sobrevivência, foi também um campo de aprendizagem no qual ela conseguiu conciliar as tarefas cotidianas com os estudos primários. Esse equilíbrio entre trabalho e estudo reflete a resiliência e a determinação dessas mulheres em buscar uma educação que fosse além das limitações sociais e econômicas de sua época.

Essas narrativas permitem entender o papel da família e das experiências cotidianas na formação. Cada decisão, cada momento de estudo ou trabalho foi uma peça importante na construção da identidade, bem como na escolha de sua vocação religiosa. A dedicação ao estudo e os desafios que eram enfrentados foram meios usados para que muitas delas pudessem seguir seus caminhos dentro da igreja, com uma base sólida dentro daquilo que estava sendo proposto para sua formação.

Por meio dessas histórias foi possível compreender que a trajetória dessas mulheres não foi apenas uma sequência de acontecimentos, mas um processo de escolhas e renúncias. Eles não buscavam apenas a educação formal, mas também cultivavam a espiritualidade e a fé, que as conduziram ao serviço religioso. A jornada delas foi marcada por um equilíbrio entre a vida cotidiana, o trabalho e o estudo.

A trajetória de escolarização das mulheres freiras, especialmente aquelas que seguiram a vocação religiosa desde a juventude, revela o caminho acadêmico percorrido e molda a construção de suas identidades, que se entrelaçam com a fé. Seus relatos, como os da Irmã P1, ilustram como a educação se tornou uma ferramenta imprescindível para a formação de sua missão religiosa e para a integração com sua vocação.

A Irmã P1 compartilhou um momento marcante de sua vida, um marco que simbolizou uma mudança significativa em sua trajetória pessoal. Ela registrou com carinho o momento em que ingressou na congregação em Itapecerica, uma cidade onde a congregação ainda está presente até os dias de hoje. "Depois, com dezoito, dezenove anos, fui para a congregação em Itapecerica, cidade onde nós temos até hoje, lá fiquei e fiz meu segundo grau, o tempo todo de estudante", relata com nostalgia.

Esse período foi determinante, pois além de proporcionar a continuidade de seus estudos, também se integra ainda mais ao contexto da vida religiosa. Em sua reflexão, ela confirma que o estudo e a vida religiosa caminharam lado a lado. Mas a formação acadêmica não foi o único aspecto importante nesse processo, tem também a convivência com outras irmãs.

Esses relatos ilustram claramente como o processo de escolarização dessas mulheres estava intrínseco.

Esse processo de escolarização, portanto, não foi um simples percurso educacional, mas uma parte essencial da vida das freiras. Foi uma jornada que as preparou para a vida acadêmica e para a missão religiosa que iriam assumir com o tempo. A vida religiosa e a educação, nesse contexto, se entrelaçam profundamente, criando uma trajetória que se solidifica. O estudo, então, não era apenas uma preparação acadêmica, mas uma ferramenta da vocação religiosa que lhes permitia que se tornassem pilares em suas comunidades e continuassem o trabalho.

A memória, nesse sentido, torna-se um resquício precioso de tempos vividos e uma chave para entender como o passado impacta as decisões e os caminhos que essas mulheres tomaram em suas vidas. As narrativas que lhes acompanham revelam a história de suas experiências, além dos sentimentos e emoções que marcaram momentos importantes de suas trajetórias. Como explica Bock (1989, p. 04):

Desde o início que o objetivo das mulheres na história não foi o de simplesmente preencher vazios da investigação ou introduzir descobertas nas categorias historiográficas tradicionais. Exigia sim uma nova visão da e na história.

Esses relatos, portanto, não devem ser vistos apenas como histórias isoladas, mas como partes de um todo que constrói e revela a complexidade das experiências dessas mulheres. Ao estudar essas narrativas, pode-se entender não apenas o contexto social e histórico em que elas viveram, mas as emoções, os desafios e as escolhas que foram fundamentais para a construção de suas identidades. A memória, além de ser um vestígio do passado, também é um instrumento de reflexão sobre o presente e o futuro, permitindo que possamos aprender com as experiências das gerações anteriores e compreender os caminhos que elas percorreram, suas lutas e seus enfrentamentos.

Os acontecimentos do passado, sejam eles individuais ou coletivos, despertam grande interesse em um público amplo, como evidenciado pelo sucesso de romances e biografias que exploram histórias marcantes. Nesse contexto, as narrativas das irmãs Batistinas ganham relevância por estarem inseridas em um cenário histórico que, ao ser lembrado, oferece uma compreensão do que foram e ainda são dentro da congregação religiosa.

Essas narrativas evidenciam o impacto de suas escolhas na construção de identidades pessoais e coletivas, destacando como suas trajetórias moldaram a congregação, sua espiritualidade e a missão de serviço à comunidade. Ao investigar essas histórias, percebe-se

que o passado recontado por elas mesmas, permanece vivo, sendo relevante para a compreensão de sua formação e seu legado.

As experiências de vida dessas mulheres especialmente dentro da congregação são fundamentais na construção de suas trajetórias e no desenvolvimento de suas identidades religiosas. A Irmã P1 partilha um momento significativo da sua caminhada: "Já tinha experiência dentro das casas, já tinha passado por diversas casas onde recebi o hábito, eu e a irmã Sílvia, em 1969", recorda os resultados. Esse relato mostra o momento de sua entrada na congregação e as diversas etapas pelas quais passou, períodos em que se adaptou às mudanças e viveu de acordo com os valores da congregação.

A continuidade dessa jornada religiosa e de aprendizagem se reflete nas diferentes casas pelas quais ela passou. "Depois a gente foi mudando para outras casas, fui para Bambuí, fui para Belo Horizonte, muitos lugares, lá no Colégio Floresta, em Pompéia", ela acrescenta, ilustrando a mobilidade e os diferentes cenários que marcaram sua vida dentro da congregação. Essa experiência de se mudar constantemente pode ser vista como uma forma de fortalecimento da fé e da adaptação, ao mesmo tempo que lhe proporciona uma vivência intensa e profunda da vida religiosa.

Ao analisar essas narrativas torna-se possível compreender as ideias religiosas que guiaram a vida dessas mulheres ao longo dos anos. Suas escolhas, bem como as mudanças de residência estavam profundamente ligadas à vida que abraçaram. Essas experiências moldaram suas identidades individuais e contribuíram para a construção das irmãs Batistas.

3.1 Construindo identidades

O processo de constituição das irmãs Batistas como religiosas foi marcado por renúncias, elas deram os primeiros passos em direção à vida religiosa renunciando passeios com os amigos. Essas mulheres começaram a viver sempre envolvidas nas atividades pastorais, estreitando laços com irmãs e padres da congregação onde moravam e foram formando uma conexão entre fé, renúncia e propósito.

Esse processo de formação religiosa foi marcado de maneira significativa pelo envolvimento familiar, um aspecto evidenciado nas próprias narrativas das irmãs. Desde a infância, suas jornadas de fé foram acompanhadas de perto por pais ou outros membros da família, cujo apoio foi fundamental para a escolha da vida religiosa. Esse vínculo proporcionou uma base sólida para sua formação espiritual e moral.

Essas renúncias tornaram-se cada vez mais entrelaçadas com as práticas religiosas, pois frequentavam a igreja acompanhadas por seus familiares que desempenhavam o papel de iniciar suas primeiras experiências religiosas, como a Primeira Comunhão. Esse momento, mais do que uma simples introdução à fé, simbolizava um laço entre a vivência religiosa e o ambiente familiar.

À medida que amadurecem vão passando a trilhar sozinhas seus caminhos de fé, sem a necessidade da presença da família, mas carregando consigo os valores e ensinamentos recebidos. Essa transição reflete o impacto duradouro do acompanhamento inicial, que incentivou a escolha pela vida religiosa e preparou essas mulheres para tal caminho. A entrevistada denominada P1 destaca sua transição de nome no excerto que segue:

[.....] Antonieta então quando eu recebi o hábito, né? É que me deram Ide, sabe, Ide como as outras, todo mundo mudou. Quem era Sílvia ficou como Maria Couto, quem era Maria Couto o nome dela do batismo era Maria Couto, ficou com Sílvia, quem era Vilma ficou com Ágata e assim foi mudando. Então, muitas ficou com o nome mudado e depois veio uma permissão que quem quisesse voltar o nome do batismo podia voltar, tinha que fazer uma declaração para mandar para a Itália. Nossa casa central é lá com a irmã, que alguns votos do perpétuo quer sair, não pode sair de hoje para amanhã não, mas tem um processo, um processo prolongado, não pode sair de qualquer jeito não (Entrevistada P1).

Portanto, pode-se afirmar que desde muito cedo elas estavam imersas em um ambiente propício a adaptações em relação à educação e instrução religiosa, que foi nutrida pelo apoio familiar e continuou ao longo dos anos.

Embora as irmãs em suas memórias se lembrem de uma infância aparentemente comum, repleta de brincadeiras e passeios típicos da juventude, é evidente que sua formação religiosa estava integrada ao ambiente da igreja desde cedo, mesmo em atividades cotidianas como jogos e interações com amigos, a proximidade com a fé era incentivada de maneira sutil, mas constante.

As brincadeiras frequentemente ocorriam em espaços comunitários ligados à igreja, enquanto eventos e clubes locais muitas vezes incorporavam valores e ensinamentos religiosos em suas dinâmicas. Dessa forma, o contexto em que essas jovens cresceram não apenas proporcionavam momentos de lazer, mas também servia como uma ponte natural para a vivência e internalização, preparando-as para sua futura vocação religiosa.

Esses convites para participar de atividades religiosas como missas e outras celebrações não eram apenas benefícios formais, mas faziam parte do cotidiano da vida dessas jovens na adolescência.

O envolvimento com a igreja, portanto, não se limitou ao momento de tomar a decisão de seguir a vida religiosa, mas foi um processo contínuo que acontecia desde a infância. As experiências de vida sempre foram entrelaçadas com momentos de convivência religiosa, mostrando como a formação espiritual estava presente em cada aspecto de suas vidas, desde as brincadeiras. Isso revela que, para elas, a vida religiosa não foi uma escolha isolada, mas algo que se construiu ao longo do tempo, a partir da convivência e das experiências vividas dentro do contexto religioso e familiar.

Conforme relatado em suas narrativas, suas vidas foram marcadas por infância simples, porém rica em experiências de convivência familiar e vida comunitária. Como a Irmã P1 compartilha: "Minha vida era assim de jovem normal, passeava em fazenda, ir na casa de parentes, bem próximo à casa da tia, almoçava lá e ficava por lá".

A forma como as irmãs viviam também mostra uma curiosidade e uma simpatia pela convivência social, como narra a Irmã P1 quando se recorda de suas idas ao clube da cidade. "E depois foi para o clube lá da cidade, tinha simpatia das crianças, não estava interessada em entrar na água, até hoje sou assim", menciona.

Além disso, mesmo sendo jovens, a religiosidade já se fazia presente nas escolhas e na rotina diária delas, como nos conta a Irmã P1: "Era jovem, né? Ah, vamos lá naquela missa lá na paróquia. Então vamos, vou te pegar, vamos juntos, vamos de bicicleta ou vamos a pé."

As pequenas ações como ir à missa com os amigos ou familiares eram práticas cotidianas que se entrelaçavam com sua educação religiosa e com os valores que mais tarde se consolidariam na escolha de vida. Essas memórias demonstram como a vida religiosa não surgiu de uma decisão abrupta, mas de um processo gradual, que começou na infância e se solidificou com o tempo, num processo contínuo.

A observação dessas narrativas permite compreender que a vocação religiosa dessas mulheres não foi uma escolha isolada, mas sim o resultado de amadurecimento, em que os elementos da vida familiar, da convivência social e da educação religiosa se interligaram e moldaram as pessoas em que se tornariam. Assim, a trajetória de cada uma delas perpassa por um compromisso profundo com o serviço cristão, iniciado na infância e reforçado ao longo de suas vidas, em uma busca constante por um propósito em sua missão.

É importante destacar que Aparecida do Taboado, cidade que serve como cenário deste estudo, tem sido o palco das vivências dessas mulheres ao longo de décadas. Neste contexto, as histórias e memórias das irmãs Batistinas que ali residiram e ainda residem ganham relevância, pois suas trajetórias carregam relevância para o município. A presença dessas irmãs na cidade

contribuiu com a prestação de excelentes serviços e cuidados que são importantes para a saúde, bem-estar e educação de crianças e jovens da comunidade por muitos anos.

3.2. Vida escolar e identidades

Sair de um ambiente recluso e se deslocar para uma ambiência com intensa participação da população representou um universo novo e de adaptações para as jovens que aspiravam a vida religiosa e educacional. Esse processo certamente influenciou suas identidades em relação a si como também como mulheres que moldavam a comunidade local com seu trabalho.

Nesse processo, as freiras Batistinas atuavam como educadoras conteudistas para o modelo educacional do período e representavam modelos ideais de conduta moral e de determinados valores. As entrevistadas para esta pesquisa narram que a educação na escola era marcada por uma disciplina rígida, com muita dedicação por parte delas, além de humildade, mas sempre sob preceitos religiosos. Dessa forma, elas percebiam a si como aquelas que desempenhavam um papel fundamental na construção da identidade de outras mulheres (alunas), pois se esperava delas disciplina e submissão.

Na vida comunitária a presença das freiras e seus legados morais que foram ensinados por meio do ensino religioso, de suas práticas devocionais, seus cantos e do exemplo de vida altruísta, elas contribuía para a formação feminina, pois no modelo ideal de mulher naquele período era de que elas deveriam ser cuidadoras, educadoras, além de sujeitas morais ativas em suas comunidades. A entrevistada P1 relata aspectos dessas práticas devocionais e de cuidado:

[.....] Só feminina a parte da religiosa, né? Porque quando cuidava de criança, adolescente, era, mas a parte desse cuidado aí só mulheres só mulher, então tinha as irmãs que dedicava naquelas obras como cresceu, aumentou as irmãs aumentou casas e cada uma, tinha assim aquela aptidão, eu gosto de cuidar de idoso abriu a casa de idosos aqui na, na se não me engano onde está a irmã Benigna Brasileira em Nova York, lá tem casa de irmãs idosas sabe irmãs dependentes de cadeira de roda. (P1)

Conforme Mahmood (2006), mesmo nos processos de controle é possível construir enfrentamentos a ordem de poder. Assim sendo, mesmo com a submissão à hierarquia dos homens na Igreja Católica, que espelhava as estruturas patriarcais da instituição e da sociedade conservadora, muitas freiras questionaram os papéis tradicionalmente esperados para elas.

Algumas delas em suas trajetórias se tornaram intelectuais, pedagogas, enfermeiras e lideranças comunitárias muito qualificadas. Muitos estudos como de Miranda (1998) e Vainfas (1989) mostram que os conventos no Brasil, podiam ser ao mesmo tempo um espaço de

reclusão, de normas e disciplina, mas também se configuravam como um ambiente de liberdade, onde as mulheres podiam exercer sua autonomia intelectual, espiritual e até sexual de forma mais segura e plena do que fora desse espaço. Nesse contexto, o relato da entrevistada P2 observa que: “[...] pode você colocar a sua opinião em tudo né, mas se for uma coisa só para o seu egoísmo já não vale muito.”

O fato de se dar visibilidade às mulheres que são freiras mostra que seu legado como educadoras permanece vivo. Tanto é assim que ainda existem muitas congregações que continuam atuando em instituições de ensino, sobretudo privadas, desde a educação básica até a educação superior. Isso mostra que suas identidades como educadoras reverberam mantendo vivas algumas tradições pedagógicas, além dos valores que marcaram suas trajetórias.

Com essa atuação as religiosas que são engajadas em projetos sociais de cuidados, de justiça social e de direitos humanos básicos ressignificam suas atuações dentro e fora das instituições religiosas, o que contribui para o crescimento do meio onde elas trabalham e vivem.

Ao significar seu trabalho e suas identidades, reconhece-se que elas agenciaram suas atividades de forma a contribuir para o ensino, para a espiritualidade e o trabalho social e, desse modo, ajudaram a formar gerações de pessoas que podem ter tido lições de solidariedade e comprometimento com a dignidade humana.

Embora muitas vezes invisibilizadas pelas narrativas históricas no Brasil, no município de Aparecida do Taboado (MS) as freiras foram protagonistas de processos significativos na comunidade, cooperando para o progresso de toda a sociedade local.

Ao longo desta pesquisa, após um extenso percurso de investigação e estudos de fontes foi possível compreender como as freiras Batistinas, em suas trajetórias narradas, foram se constituindo enquanto mulheres religiosas. A construção de suas identidades religiosas revelou-se como um processo gradual e contínuo. Essas mulheres foram se construindo e criando raízes nesse processo de renúncia da própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar trajetórias de mulheres que ingressaram na vida religiosa e na vida educacional, esta pesquisa revelou os atravessamentos ocorridos por conta de suas escolhas e do contexto histórico vivido, bem como o silêncio que envolve suas histórias há muitos anos, assunto que muito interessa à história da educação.

O objeto de estudo deste trabalho foi a trajetória de freiras Batistinas, por meio de suas narrativas e experiências enquanto atuaram em Aparecida do Taboado (MS) desde quando o município ainda pertencia ao estado de Mato Grosso. Teve o objetivo geral de compreender as trajetórias das freiras Batistinas enquanto religiosas, professoras e cidadãs na perspectiva da história das mulheres. Atingiu-se o esperado, pois evidenciou-se que, embora seja um tema já estudado em outros contextos, o processo investigativo esclareceu a necessidade de uma pesquisa no contexto brasileiro e mais específico em Aparecida do Taboado (MS). Pesquisa que compreenda as motivações pessoais, o contexto econômico, político e social que influenciou decisões de freiras Batistinas, bem como sobre as dinâmicas de poder e formas de resistência presentes no interior dessa congregação religiosa, tão marcada por hierarquias.

Mostrou-se também que ao renunciarem as possibilidades sociais idealizadas para as mulheres e adotarem outra identidade, as freiras estudadas experienciaram mudanças significativas com seus familiares e com a sociedade onde viveram. Tome-se como exemplo de renúncia, mesmo que por escolha, um novo nome que era imposto. Assim, fica notório que a submissão aos preceitos da congregação representava uma forma de controle sobre suas vidas, além do apagamento de suas identificações. No entanto, nesses enfrentamentos contraditórios algumas dessas mulheres encontraram formas de (re)existir com seus processos da memória, da espiritualidade ou da construção de redes de apoio comunitário.

O estudo das narrativas dessas freiras Batistinas evidenciou a importância de considerar o "lugar de fala" e as experiências individuais ao se estudar a história da educação religiosa. A voz dessas mulheres por muito tempo silenciadas pode auxiliar na compreensão de suas contribuições com a educação e de outras dinâmicas sociais na comunidade aparecidense.

O desenvolvimento da pesquisa fundamentou-se no pressuposto de que o processo de introdução dessas mulheres no município colaborou para o crescimento da educação local, uma vez que tiveram grande participação na educação de crianças e jovens da cidade e região. Nesse aspecto, os objetivos foram alcançados por meio de entrevistas, fotografias e demais documentos que formam um acervo histórico que norteia toda a história de vida dessas freiras Batistinas.

Desse modo, esta pesquisa ressalta que ao deixar os vínculos familiares essas mulheres religiosas constroem novos vínculos com valores importantes para viver em comunidade, ao mesmo tempo que, com integralidade, usam a pedagogia da solidariedade e do altruísmo para demonstrar seu cuidado.

Portanto, esta pesquisa demonstrou a relevância de investigar as trajetórias de vida dessas mulheres religiosas e professoras, não apenas para compreender as suas inserções na localidade, mas também para desvelar os mecanismos de poder e as formas de resistência presentes nas relações de gênero em instituições religiosas.

Os resultados mostraram que o legado deixado pelas freiras Batistinas constitui-se numa contribuição muito importante para o crescimento da área da educação, bem como para toda a sociedade aparecidense e região. A partir desses resultados, sugere-se que outras pesquisas adensem a análise das experiências de mulheres professoras em diferentes congregações religiosas, de modo a interseccionar outros aspectos tão relevantes quanto o que foi visto neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

AMADO, Janaína. Ferreira, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2ª reimp. 1ª edição, 2011.

BOCCATO, Regina Casari; Mariângela Spotti Lopes Fujita. **Discutindo A Análise Documental De Fotografias: Uma Síntese Bibliográfica**, Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação, Cadernos BAD, número 002, Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivista e Documentalistas, Lisboa Portugal pp.84-100.

BOCK, Gisela. História, história das mulheres, história do gênero. **Revista Penélope**. Fazer e desfazer história. Nº 4, nov. 1989.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo. T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DAVIS, Natallie Zemon. **Nas Margens: três mulheres do século XVII**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DEL PRIORI (org.); Carla Balssanezi Pinsk (coord. De textos). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, Iris Cristina Gomes do Nascimento. **Aparecida do Tabuado: A trajetória do Colégio Cônego Afonso Maria Fusco 1963-1970**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FURTADO, Alessandra Cristina. **Arquivos, fontes e instituições: um itinerário de pesquisa sobre o arquivo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto/SP (1918-1960)**. São Paulo, UNESP, v. 8, n. 2, p. 186-209, julho dezembro, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão... [et al.] 7 ed. Revista. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo, Contexto, 2020.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o

revivalismo islâmico no Egípto. In: **Etnográfica**, Vol. X (1), 2006. pp. 121-158. p. 127.

MALUF, Marina. **Ruídos de Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historie**, v. 2, n. 1, p. 95–108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>. Acesso em: 2 dez. 2024.

MEDEIROS, Márcia; ZIMMERMANN, Tania. Biografia e Gênero: repensando o feminino. **Revista de História Regional**, 9(1): 31- 44, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise quantitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & amp. saúde coletiva*, v.17, n.3, p. 621 – 626.

MIRANDA, Ana Maria. **Que seja em segredo: textos freiráticos, séculos XVII e XVIII**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 1998.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Mulheres em movimento**, São Paulo: Nobel Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

PERROT, Michelle. **As mulheres e os Silêncios da História**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP; EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **As mulheres e os Silêncios da História**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP; EDUSC, 2012 (Coleção História). Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/>. Acesso em 10-12-2024.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2ª ed. Ed. Contexto, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/>. Acesso em 10-12-2024.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SANTOS, Saionara Bonfim, Vieira; Cavalcanti. Relevância Social E Política Da História Das Mulheres No Brasil, **Caderno Cedes**, Campinas, v. 44, n. 122, p. 6-16, jan.- abr., 2024.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Org.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Mulheres, 1999. Disponível em: http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In. BURKE, Peter (org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp. 1992. p. 63-95

SIMIONATO; Ana Carolina. **Métodos de análise de assunto em fotografias: estudo no âmbito do ensino da representação da informação**. Article in *Informação & Informação* · October, 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico do pecado**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatório de pesquisa em administração**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

ZIMMERMANN, Tania; MEDEIROS; Márcia. Biografia e Gênero: repensando o feminino. **Revista de História Regional**, 9(1): 31- 44, 2004.

ZIMMERMANN, Tania; As historiadoras e o(s) gênero(s) na escrita da história In: **Pioneiras nos estudos históricos brasileiros** – volume 1. In: ROIZ, Diogo; GONTIJO, Rebeca; ZIMMERMANN, Tânia (org.). 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022.

Sites:

<https://www.ibge.gov.br/>

<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3745>

<https://bdtd.ibict.br/>

<https://www.scielo.br/>

<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>

<https://www.batistinas.org.br/>

ANEXOS:**DECLARAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu, Vânia Duque Sobrinho, responsável pela Congregação de São João Batista, como Superiora Provincial, autorizo a realização da pesquisa, **NARRATIVAS DE PROFESSORAS RELIGIOSAS: CONSTRUINDO TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS EM APARECIDO DO TABOADO, MS (1963- 1973)**, nas dependências da Casa das Irmãs Batistas. Tal pesquisa será conduzida e de responsabilidade da pesquisadora Iris Cristina Gomes do Nascimento Ferreira, a qual está sob orientação da professora Tânia Regina Zimmermann. A presente pesquisa será realizada com professoras que atuaram na cidade de Aparecida do Taboado nos anos de 1963 a 1973, tendo em vista que a coleta dos dados terá início em 10/09/2023 com previsão de término em 10/11/2023.

Aparecida do Taboado, 07 de agosto de 2023.

CONGREGAÇÃO
DE SÃO JOÃO
BATISTA:17257510
000141

Assinado de forma digital
por CONGREGAÇÃO DE SÃO
JOÃO
BA11S1A:17257510000141
Dados: 2023.08.08 17:35:33
+03'00'

Vânia Duque Sobrinho